
This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>

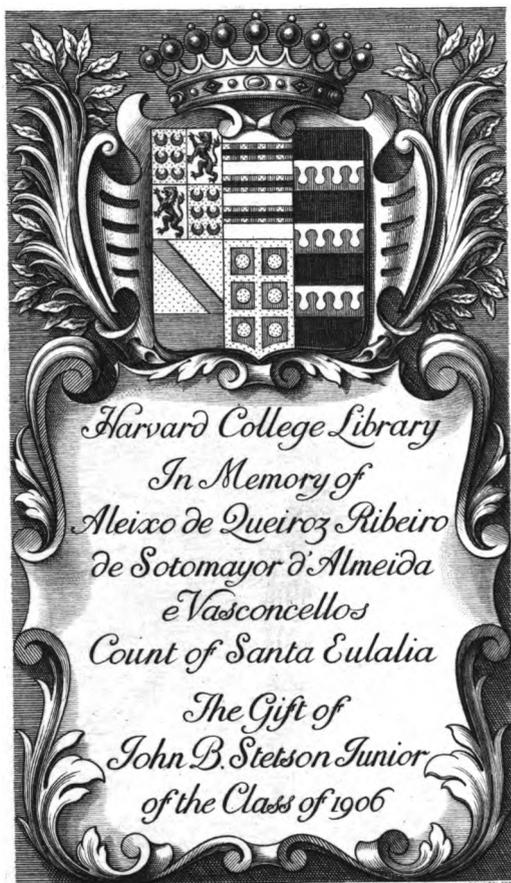


WIDENER



HN ZIBF X

Part 5944.85.310



15/10/18
Botelho, Abel

ABEL ACACIO (pseud)

GERMANO

DRAMA EM 5 ACTOS, EM VERSO

(Junho a Setembro de 1885)



PORTO
LIVRARIA POPULAR
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
DE
FRANCISCO FRANCO — EDITOR
EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR
LISBOA
1886
60, T. de S. Domingos, 60

GERMANO

ABEL ACACIO

{ Botelho, Abel }

GERMANO

DRAMA EM 5 ACTOS, EM VERSO

(Junho a Setembro de 1885)



Port 5944.85.310

Y
HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr. ^

9 DEC 1924

DO MESMO AUCTOR

IMPRESSO :

Lyra insubmissa, um volume de versos.

NO PRELO :

A Beira Pittoresca, um volume de contos.

EM PREPARAÇÃO :

Nevrose, drama em 3 actos, em verso.

A Architectura através dos tempos.

LISBOA — TYP. ELZEVIRIANA, Praça dos Restauradores, 50 a 56

21-1-23
37

Depois da questão deploravel, a que este drama deu origem, a minha dignidade de escriptor impunha-me o dever indeclinavel de submettel-o por qualquer fórma ao «veredictum» do grande publico.

Podia recorrer a dois meios: — a representação n'um theatro, a impressão n'um livro. — Optei polo segundo.

É o de execução mais simples; é o que offerece mais lealmente a peça, na sinceridade da sua nudez e do seu mutismo; e é tambem o que garante ao meu trabalho a melhor imparcialidade no juizo de cada leitor, — que elle assim, em livro, vae impressionar individualmente, independentemente, alheio á influencia poderosa, e tantas vêzes nociva, dos agglomeramentos apaixonados.

Além d'isso, o GERMANO, representado, era julgado sómente por Lisboa; impresso, pode ser julgado por todo o paiz.

Para o bom exito do meu plano vieram-me em auxilio o incitamento e a amizade do benemerito editor portuense, sr. Eduardo da Costa Santos,—um character de oiro,—a quem aqui dou effusivamente um publico testemunho de gratidão affectuosissima.

Lisboa, 11 de fevereiro de 1886.

Abel Acacio.

A MINHA ESPOSA

PESSÔAS

GERMANO.
CARLOS.
O CONSELHEIRO.
O VISCONDE.
GARNUYSOL.
ROGERIO.
O TENENTE FARINHA.
A VISCONDESSA.
MARIA.
D. CISALDINA.
LAURA.
CREADO DO CONSELHEIRO.
CREADO } da viscondessa.
CREADA }

Convidados de ambos os sexos; um ministro.

ACÇÃO EM LISBOA — ACTUALIDADE



ACTO I

Sala em casa do conselheiro. Quadros, moveis antigos, objectos de arte. Á direita, uma porta larga, em arco.— É dia.

SCENA I

GERMANO, CARLOS, um CREADO

CARLOS vem do fundo com Germano :

Bons dias, Joaquim. Como vae isso ?

CREADO

Obrigado, senhor... muito enfermiço.

CARLOS

Vá dizer a meu tio, o conselheiro,
Que vem hoje comigo o cavalheiro
Que elle me auctorisou a apresentar-lhe.

CREADO

N'um prompto, senhor Carlos. Sae, esquerda.

CARLOS a Germano :

Vaes fallar-lhe

Finalmente, meu charo ; vaes emfim
Para o teu grande ideal, graças a mim,
Obter um coadjuctor *primo cartello*.

GERMANO

E tu pensas que eu possa esquecel-o?
Nunca, meu bom amigo!

CARLOS

Mau, deixemos

Da gratidão as lérias... não viemos
A isso seguramente, — que diabo! —
Mas a vêr, creio eu, se este nababo
Se digna dispensar-te protecção.

GERMANO

Oh! que não farei eu, dando-me a mão
Uma tal summidade financeira!
Como eu vejo alargar-se-me a carreira
Victoriosa e feliz do meu futuro!
A minha alma embriaga-se... e do escuro,
A que se retrahiu por um instante,
Eu sinto-a altivolar-se radiante
Em revoadas cantantes pelo azul.
A vida, meu amigo, é um paul
Onde coaxa a rã, — mediocridade;
Mas a veia, o talento, o genio, esse hade
Por força erguer-se sempre ás culminancias
Da gloria universal. Oh! como as ancias
D'este meu pobre espirito doentio
Se me expandem n'um alto desvario,
Immenso de ambições!... E só a ti,
Carlos, eu deverei...

CARLOS

Já te pedi

Que não me importunasses com asneiras.
Vou tirar-te, a proposito, as peneiras

Ácerca de meu tio, este excellente
 Corretor de leilões, que ingenuamente
 Tu imaginas, creio, um bravo e justo
 Continuador dos Médicis, de Augusto,
 Luiz quatorze, Pericles, Leão dez.
 Ora olha-me estes quadros: pois não vês
 O que per ahí vae de fancaria?
 Quanto refugo e quanta porcaria
 Emparceirada ao bom? quanto fiasco
 A fingir de Vieira e de Grão-Vasco?...
 Aponta um quadro. Esses borrões sem rasgo, nem feitiço,
 Pagou-os por Velasquez o meu tio.
 Outro. Esta face impossivel de romã
 Comeu-a... ah! ah! vê tu... por Zurbaran!
 Outro. D'esta ignobil paysagem horrorosa
 Julga elle o auctor Salvator Rosa.
 Outro. Este martyr, de Rubens. Outro. Finalmente,
 Essa pseudo-marinha impertinente
 Julga-a de Van-Ostade o conselheiro!

GERMANO

Mas n'esse caso então...

CARLOS

Muito dinheiro,
 E muita mais vaidade é o que elle tem.
 Não passa d'uma casa de retem,
 D'um grande *bric-à-brac* bem sortido,
 Amalgama de coisas sem sentido,
 A sua *collecção* tão celebrada.
 Compra muito, mas não percebe nada.
 É um néscio infatuado... O primeiro
 Intrujão que viér, sendo estrangeiro,
 Pode ter a certeza de o lograr.
 Compra por luxo; compra por comprar.

GERMANO

Pareces-me severo em demasia.

CARLOS

Simplesmente razoavel.

GERMANO

Todavia,
 Teu tio alguma coisa vae fazendo
 Em proveito da Arte. Estamos vendo
 Como elle subsidia no estrangeiro
 Artistas nacionaes; como é o primeiro
 A correr aos leilões; como em saraus
 Finissimos de gosto,—serão maus?—
 Elle congrega e incita as summidades,
 Sobriamente escolhidas... Qualidades
 São estas que denotam certamente,
 Senão uma cultura transcendente,
 Ao menos um espirito entusiasta,
 Uma alma generosa. Isto me basta.

CARLOS

Ai! basta, basta; estou que sim. Não tens
 Mais que adular-o... e dou-te os parabens!

GERMANO

Nunca adulei ninguem!... Que indignas coisas
 Vens tu propôr-me, Carlos!? Como é que ousas
 Fallar-me em lisonjear, a mim!?

CARLOS trocista:

Agora
 Temos romance... Bem, vamos embora.
 Lisongear, adular,—que indignidade!—
 Uma acção muito feia, na verdade!
 Pois queira vosselencia perdoar...
 E recolha ao seu lindo quinto-andar,
 Com o seu brio antediluviano.

GERMANO

Não me impacientes, Carlos.

CARLOS

Ó Germano,
 Pois tu queres que eu incare a sério
 Essa tua quixotada?... Tem criterio.

GERMANO

Nunca adulei ninguem. Não sei. Não posso.

CARLOS

Tem paciencia, filho. É um caroço
Que faz doer um pouco ao ingulir.
Não tens outro caminho a seguir
Com meu tio.

GERMANO

Não tenho?

CARLOS

Não, decerto.
Açula-lhe a vaidade! — é um acerto.

GERMANO

E se eu lhe fallasse á intelligencia?

CARLOS

Fará o que quizer sua excellencia.
Mas sempre quero dar-te mais um traço
Da intelligencia cá d'este ricaço:
Tinha um bello Bastien-Lepage, um só,
Uma preciosidade, oiro em pó...
Pois vendeu-a ao Goupil! desfez-se d'ella!...

GERMANO *com espanto:*

Hein!

CARLOS

Vendeu-a por uma bagatela!

GERMANO

Oh! meu Deus! mas que bru...

CARLOS

Brutalidade:
Anda, dize... e açula-lhe a vaidade.

GERMANO

Vou lisongear-o, vou, por brincadeira,
Como quem lisongearia uma cadeira.

A lisonja das coisas fica bem;
E teu tio...

CARLOS

É uma coisa. Elle ahi vem.

SCENA II

GERMANO, CARLOS, o CONSELHEIRO

CONSELHEIRO da esquerda :

Desculpem, meus senhores, tel-os feito
Esperar.

CARLOS

Esperar!?

CONSELHEIRO

Fui contrafeito

A isso por um negocio importante...

CARLOS

Mas, por Deus! o tio veio n'um instante;
Não esperámos nada. E, — que esperassemos! —
Isso era natural... Nem que ignorassemos
Que o tio cultiva da Arte com ardor
As mais altas questões.

CONSELHEIRO emphatico :

É o meu amor!

GERMANO

Oh!... Vossencia de todos na verdade
Se faz sempre esperar com anciedade,
Não porque o queira, não... mas simplesmente
Porque em todos nós vive, immenso, ardente,
O desejo, — que nada ha que abrande, —
Lisongeiro: De admirar, venerar tudo o que é grande.

CARLOS a Germano :

Bravo, bravo! vaes muito bem assim.

CONSELHEIRO desvanecido:

Tão lisongeiros phrases certo em mim
 Não cabem, cavalheiro... A Carlos: É então este,
 Carlos, o teu amigo?... Não disseste
 Que se conhecem já?

CARLOS

De Campolide.
 Velho amigo... Germano de Athayde.
 Eramos no collegio inseparaveis;
 Hoje somos amigos inquebraveis.
 É um rapaz de talento e coração,
 Uma joia a valer...

GERMANO

Carlos, então...

CARLOS

Nas distincções foi sempre dos primeiros:
 Desespero e terror dos companheiros.
 Bondoso e sério, desde a meninice,
 Nunca lhe conheci uma estroinice.
 É um espirito finissimo, entusiasta,
 Uma alma diamantina.

GERMANO

Carlos, basta!

Ao conselheiro: A amizade estonteia-o, senhor
 Conselheiro, e faz-lhe dar valor
 A coisas sem valia.

CARLOS

Que modestia!

Não te vae nada mal; mas olha, — veste-a
 Em melhor occasião.

CONSELHEIRO a Germano:

Eu sympathiso

Comsigo... sério!... e não será preciso
 Muito mais para bem nos entendermos.

CARLOS á parte:

Causam-me tédio estes estafermos.

Ao conselheiro: Se o tio permite... Tenho que fazer.

CONSELHEIRO

Espera. Não te vás sem conhecer
 O negocio que me retinha ha pouco.
 Trouxeram-me um *cartão* d'um preço louco!
 Um thesoiro!... Imagina — é de Foschini!
 O meu prazer ao vê-lo não se exprime!
 Que maravilha de Arte! A Germano: É um caso raro.

CARLOS á parte:

Grande cavalgada!

CONSELHEIRO

Eu cá, meu charo,
 Paguei-o logo, sem ao preço olhar.
 Não se deve em taes casos regatear.
 Foschini vale mais do que o Sequeira;
 Acho-o muito mais classico! É asneira
 Sustentar o contrario.

CARLOS á parte:

Grande alarve!

GERMANO á parte:

Inaudito imbecil!

CONSELHEIRO

Veio do Algarve
 O citado *cartão*. Fizéra parte
 Dos esboços d'Ajuda! Mas que arte!

GERMANO á parte:

É espantoso!

CARLOS

Meu tio, parabens.

CONSELHEIRO

Obrigado. Olha lá: porque não vens
 Logo jantar comigo?... Escolheremos
 Logar para o *cartão*.

CARLOS

Concordaremos

GERMANO

Conselheiro, perdão. Não posso crêr.
 É uma raça atrophiada e decadente,
 A definhar na sombra, — certamente;
 Mas sobram-lhe da vida os elementos.
 A nossa força é grande. Esses alentos
 De energia e vigor, per ahí dispersos,
 Que as trévas e a inacção trazem submersos,
 Basta-lhes um clarão, um novo altar,
 Um pulso que os infeixe!... e hão de afirmar
 Quanto é nobre e divina a sua essencia.
 Um pulso que os infeixe!... Uma consciencia
 Arrebatada e sã, uma alma de oiro,
 Um sacrario de luz, que o thesoiro
 Do genio popular saiba radiante
 Emocionar, mover... e n'um instante
 O paiz resurgirá, — dominador,
 Affirmativo e grande, — n'um splendor,
 N'uma gloria immortal sobrenadando!

CONSELHEIRO

Que bello enthusiasmo! Estou gostando.

GERMANO com calor:

Ao pensar n'isto, oh! como eu sinto a arteria
 Do enthusiasmo bater!... Sinto a materia
 Adelgaçar-se... sinto que me invade
 Uma sublime e férvida anciedade...
 Sinto-me omnipotente... e o mundo é meu!

CONSELHEIRO

Bravissimo, poeta!

GERMANO

Poeta... Eu
 Não passo d'um ingenuo visionario,
 Caprichoso, rebelde e solitario.
 Um Tantalo do Ideal. Um pobre idiota
 Ralado de ambições. Um triste ilota,
 Que anda a um sonho de gloria acorrentado.
 Todas as tentativas me hão falhado.
 Embora! Hei de luctar, luctar, luctar!

Ajude-me, senhor!... Vamos fundar
 Uma empresa gigante, innovadora,
 Que os preconceitos rasgue; afinadora
 D'este nosso feitio pesado e grosso.
 Vamos emprehender, — eu só não posso, —
 Uma cruzada nova, — a do Bom Gosto.
 Luctemos com a inercia rosto a rosto.
 Desdobremos um rol de innovações:
 Conferencias, museus, exposições,
 Um jornal que com limpida arrogancia
 Nos dê caça implacavel á ignorancia.
 Sejamos fortes!... Ri-se, conselheiro!?

CONSELHEIRO

É que tudo isso quer muito dinheiro.

GERMANO

Bôa vontade e arrojo, me parece,
 É do que o meu negocio mais carece.
 Perseverança, audacia é o principal.

CONSELHEIRO

Acho muito bonito capital...
 Mas d'esse tem de sobra o meu amigo;
 Nem precisava vir ter-se comigo.

GERMANO

Conselheiro, é cruel. Está bem claro
 Que sem algum dinheiro...

CONSELHEIRO

Alguns?... Meu charo,
 Começo a desconfiar que o seu projecto
 Não está bem maduro...

GERMANO

O meu dilecto

Sonho!?

CONSELHEIRO

É uma coisa... assim... um pouco no ar.

GERMANO á parte:

Ai! que o maroto está-se-me a escapar.
 Alto, lisongeiro: Vossencia sem duvida graceja;
 Nem me importa... pois, por maior que seja
 Essa guerra ostensiva á minha idea,
 Eu bem sei que lá no intimo o incendeia,
 Deslumbrante e divina, a mesma chamma
 Que me aquece, me exalta e me inflamma.

CONSELHEIRO rindo:

Isso é que é... ah! ah!... sim senhor, vêr bem!

GERMANO a custo, meio ironico:

O senhor bem conhece que ninguem
 Ha que o não saiba artista da mais fina
 Raça...

CREADO do fundo, annunciando:

A senhora D. Cisaldina.

SCENA IV

Os mesmos, D. CISALDINA, um CREADO

D. CISALDINA do fundo:

Eu venho incommodal-o, conselheiro... Sae o creado.

CONSELHEIRO

Nunca, minha senhora. Sou o primeiro
 A lisongear-me por se ter lembrado
 De nos vir vêr. É como tem passado?

D. CISALDINA

A fallar a verdade... *tosse:* haan! haan!... bem mal.
 Não me larga a maldita catarrhal.
 Aferrou-se-me como uma carraça.
 Não ha remedio... haan!... que lhe eu não faça.
 Mas não cede. Já nem tenho paciencia!

CONSELHEIRO

Então! não desanime da sciencia.
Seja-me um pouquinho soffredora.
A sciencia faz milagres.

D. CISALDINA

Eu, já agora...
Haan!... É mais um mal chronico a ralar
O resto dos meus dias... Vou tentar,
Ainda assim... haan!... a homœopathia.
É a sciencia da moda. Que faria
O senhor no meu caso?

CONSELHEIRO

Eu cá tentava.

Mal não pode fazer!

D. CISALDINA

Ah! não confiava
N'aquellas aguadilhas... A fallar-lhe
A verdade... haan! haan!...

CONSELHEIRO apontando Germano:

Vou apresentar-lhe

Um rapaz de talento a valer.

D. CISALDINA

Haan!... Tenho muito gosto em conhecer.

GERMANO

E eu tenho muita honra.

CONSELHEIRO

Um velho amigo
Do meu Carlos, um companheiro antigo:
Germano de Athayde, — a quem auguro
Um largo e ridentissimo futuro.

D. CISALDINA

Folgarei muito!... Mas o nosso anjinho,
A nossa bôa Maria, em que cantinho
Se escondeu?

CONSELHEIRO

Creio que anda no jardim.
Eu mando prevenil-a. Toca; ao creado: Joaquim,
Chegue ao caramanchão... diga á menina
Que tem cá a sua D. Cisaldina.

D. CISALDINA

Mas desarranjo-a! Eu vou lá ter com ella.

CONSELHEIRO

Nada, está muito sol. Tenha cautela.

Signal ao creado, que sae, direita.

A Micas vem ahi no mesmo instante.

D. CISALDINA affectada:

Ai! muito a estimo eu. Um estudante
De certo não quer mais do coração
Ao seu primeiro amor.

CONSELHEIRO risonho:

É uma paixão!

D. CISALDINA

Haan! haan!... Se ella é tão bôa.

CONSELHEIRO

Purissima e bondosa, ingenua e mansa. Uma creança

D. CISALDINA

Um anjinho, — a fallarmos a verdade.
Vão amanhã ao baile?

CONSELHEIRO

Vamos.

D. CISALDINA

Hade

Ter que vêr!... É um escandalo. Pois diz-se
Que vae a viscondessa, a D. Alice;
É o conselheiro sabe muito bem
As torpes relações que ella mantem

Com o novo ministro... É indecente!
 O visconde, o finorio, toda a gente
 Sabe que se desforra com a *honest*
 Da Cabralinho... E o mais bonito é que esta
 Vae ao baile tambem! Uma indecencia,
 A fallar a verdade.

GERMANO caustico:

Mas vossencia
 Parece estar melhor da catarrhal...

D. CISALDINA confusa:

Eu... haan! haan!... isso sim... haan! haan!... bem mal.
 Não me larga... haan! haan!...

Dirige-se para a esquerda.

Eu vou entrando.

CONSELHEIRO

Pois não! Sem cerimonia. Vá tirando
 O chapéu, que ninguem aqui a dispensa,
 Já sabe, — de jantar.

D. CISALDINA

Haan!... Com licença. Sae, esquerda.

SCENA V

GERMANO, o CONSELHEIRO, um CREADO

CONSELHEIRO rindo:

Ah! Ah!... Ora o senhor...

GERMANO

Lembrei-lhe a tosse.
 Estava ancioso porque se ella fôsse.

CONSELHEIRO

Voltando á vacca fria: venha cá.
 Olhe que eu não sei bem se valerá

A pena de tentarmos o seu plano.
 Venha cá, pense bem, oiça, Germano :
 N'este réles paiz nada floresce,
 Não ha seiva, vigor... tudo apodrece.
 Já nem é o paiz da laranjeira.
 E a sua maravilhosa sementeira
 Cae n'um torrão esteril, incapaz
 De lhe dar vida...

GERMANO interrompendo :

O conselheiro faz
 Favor de me fallar com mais clareza?
 Acaso significa essa frieza,
 Esse retrahimento incomprehensivel,
 Uma recusa!?. . . O Deus! será possível
 Que esta suprema, esta ultima esperança
 Me falhe assim tambem!?

CONSELHEIRO

Não seja creança.
 Tenho a melhor vontade em o ajudar;
 Mas realmente custa-me a arriscar
 Parte dos meus haveres n'uma empreza
 Da qual se pode quasi com certeza,
 Meu rico, futurar que nunca hade
 Dar lucro algum... Perdão! Esta é a verdade.

GERMANO

Para quem vir as coisas myopemente.

CONSELHEIRO

Não! para quem as vir praticamente.
 Ora eu quero legar, — já que nenhum
 Filho tenho... pensativo: Talvez que eu tenha um;
 Quem sabe?... Um filho!... Emfim, coisas passadas,
 Tolices dos vinte annos; rapaziadas
 Que lá vão... — Quero pois, como dizia,
 A minha idolatrada e bôa Maria
 Legar uma fortuna respeitavel.
Affectado: Ella merece-o bem! E tão affavel,
 Tão carinhosa e dôce! É o bordão
 D'esta minha velhice sem travão.

É o sol das minhas cans. E a alvorada
Dos meus dias sem luz. É o anjo, a fada
Que me incita a viver. Não a conhece?

GERMANO

Não, senhor conselheiro. Mas parece
Que a minha empreza em nada...

D'aqui ao fim do dialogo fallam quasi ao mesmo tempo.

CONSELHEIRO

Oh! esta minha...

GERMANO

Vae lesar...

CONSELHEIRO

Prezadissima sobrinha...

GERMANO

A sua vontade.

CONSELHEIRO

É um anjo a valer!

GERMANO

Tenho o orçamento feito; se quer vêr...

CONSELHEIRO

Uma joia!

GERMANO

Não é nuvem por Juno.

CREADO do fundo, annunciando :

O senhor Garnuysol.

GERMANO á parte, contrariado:

Outro importuno!

SCENA VI

GERMANÓ, o CONSELHEIRO, GARNUYSOL

GARNUYSOL ao conselheiro:

Adeus, vaes bom?

CONSELHEIRO

Eu bem, e tu?... Que temos?

GARNUYSOL

Dois casos com que muito lucraremos!
 Trata-se de formar um syndicato
 Para explorar ao Norte, em S. Torquato,
 Uns minerios de prata e não sei bem
 Que mais... A mina é fraca... tu porê
 Sabes que estão em moda hoje as minas,
 E podemos com artimanhas finas
 Realizar nas acções um bom negocio.

CONSELHEIRO

É verdade.

GARNUYSOL

Serás então meu socio.
 O outro caso refere-se ao governo.
 Precisa de dinheiro,— o cancro eterno,
 A chaga irremediavel do paiz.... —
 Procuraram-me já. Eu logo fiz
 Valer as actuaes difficuldades:
 A crise e a desconfiança das cidades,
 Os desastres do Egypto e do Oriente,
 Uma guerra nas Indias imminente.
 Insistiram.

CONSELHEIRO rindo:

Tu és indispensavel!

GARNUYSOL

Imploraram... cedi.

CONSELHEIRO

És muito amavel!

GARNUYSOL

Ainda são trinta mil contos de réis!
Emprestados...

CONSELHEIRO

A quanto?

GARNUYSOL

É claro,— a 6.

Ora nós, — sim! — lá fóra temos credito
Para o tirar a 3...

CONSELHEIRO radiante:

Que benemerito!

Tu és o sustentaculo mais firme
D'esta caranguejola.

GARNUYSOL apontando para a esquerda:

Anda ouvir-me

Com mais vagar.

CONSELHEIRO

Pois não! A Germano: Meu charo amigo,
Desculpe-me; não fique mal comigo.
Nós havemos depois de conversar
Sobre os seus bellos planos, e tratar
Da sua pretensão na Academia.
Vá ao baile ámanhã... É um bello dia.
Apresento-o lá mesmo ao ministro.
E deixe-me esse aspecto tão sinistro!
Adeus!... Isto não é mandal-o embora.
Indica a porta larga: Pode até, se quizer, ir vendo agora
A *collecção*. Sae, esquerda, com Garnuysol.

SCENA VII

GERMANO, depois MARIA

GERMANO só:

E não me apresentou
Ao... firme sustentaculo... Que sou
Eu ao pé d'esse aureo potentado,

A columna mais solida do Estado,
 A *Revalessière* das finanças,
 Uma instituição, um deus?... Ai! mansas,
 Límpidas ambições da juventude,
 Ai! sonhos de oiro e azul, — como se illude
 Quem com as vossas mil fulgurações
 Se deslumbra... e as suas illusões
 Deixa errarem na aza traiçoeira
 Do grande mytho, — a Gloria!... A derradeira
 Esperança que ainda me alentava,
 Louco! vejo-a assim morta pola ignava,
 A branca hostilidade d'esta gente
 Interesseira, egoista, indifferente.
 Todos o mesmo! Vendo Maria, que vem da direita: Ella!...

MARIA vendo Germano, á parte:

Elle!... Alto: Perdão...

GERMANO á parte:

Ella! a minha gentil chimera!

MARIA

Eu não

Sabia...

GERMANO

Vim aqui... Á parte: Como é formosa!

MARIA

Fallar talvez...

GERMANO á parte:

Que voz tão melodiosa!

A Maria: Fallar... sim... com o nobre conselheiro,
 Pedir-lhe protecção...

MARIA

É um verdadeiro

Homem de bem.

GERMANO á parte:

Que incedível graça!

MARIA

É um grande coração! Quando a desgraça,
 — Era eu bem creança, — me roubou

Pae e mãe a seguir, logo tomou
 Conta da pobresinha abandonada,
 Orphã, pequena e só, sem bens, sem nada,
 Sem mais que um coração para adoral-o.

GERMANO á parte:

Que anjo!

MARIA

Andou muito bem em procural-o.

GERMANO á parte:

Muito mal...

MARIA

Olhe que era inimigo
 Figadal de meus paes... E deu-me abrigo,
 E fêz de mim sua filha! Tambem eu
 Quero-lhe quanto posso.

GERMANO á parte:

Estou no céu!

Pausa embaraçosa; a Maria: Retiro-me... incommódo.

MARIA

Vae-se embora?

GERMANO

O conselheiro já me ouviu...

MARIA com doçura:

E agora

Ouço-o eu...

GERMANO á parte:

Ella anima-me! A Maria: Receio

Abusar...

MARIA

Abusar!... Ah! eu bem sei o
 Escasso valimento que as mulheres
 Têem nos largos, nos sérios affazer
 Do sexo forte... É amavel o senhor!

GERMANO

Minha senhora, juro-lhe...

MARIA galanteando:

Impostor!
Teme abusar... Diga antes que receia
Perder o tempo que gastar...

GERMANO atalhando:

Oh! creia...

MARIA

Que gastar, — sim! — comigo. Outro tom: Ai! é verdade;
E a D. Cisaldina?... Como ella hade
Estar farta, coitada, e impaciente.
Ia-me esquecendo d'ella realmente!
Com licença. Saida falsa.

GERMANO

Já não me quer ouvir?...

MARIA volta, contrascenando, e vae sentar-se
n'um sophá; pausa; depois, natural:

Precisava hoje tanto de sair
A compras!... Afinal compoz-se o dia;
Está bonito.

GERMANO

E eu não a veria.

MARIA

Gosto immenso de dar o meu passeio
Em dias como o de hoje, quando cheio
É claro o sol dardeja os seus ardores.

GERMANO

É o sol quem doira o calice das flores.

MARIA

Nada como um bom dia me seduz.

GERMANO

As aves embriagam-se de luz.

MARIA

Pois não é bello, — diga, — vêr de loiro
Pintada a terra, e n'uma nuvem de oiro

Animar-se, crescer todo o bulício
D'essas ruas?... É lindo! É o meu vício.

GERMANO

Essa gaze finíssima e impalpável,
Que é dos anjos a aza imponderável,
Procura a luz... e iria-se de ideal!

MARIA trocista:

Nós estamos fazendo um madrigal!
Mas vamos a saber: onde se mette,
Que ninguém mais o viu!?... Não foi á *quête*
Dos terremotos, não vae á Tapada,
Não vae aos *five o'clock* da embaixada,
Não vae ao theatro, não *faz* o Chiado...
Faz simplesmente versos!... É um peccado
De lesa-sociedade o seu viver.

GERMANO

Confesso.

MARIA

E não o posso absolver,
Sem que me jure aqui solemnemente
De viver como vive toda a gente
Que se préza.

GERMANO com tédio:

Oh!

MARIA

A *gente conhecida!*

GERMANO

Eu não posso com tal modo de vida!
A rútila ambição, que me consome,
Veda-me as ambições da *haute-gomme*.
Acho-as banaes, ridiculas, pueris.
Sou um urso intratável. Nunca *fix*
Nem sequer um minuto de Havaneza.
Um selvagem... que pensa!

MARIA

Que rudeza!

GERMANO

Eu vivo; não me vou plantar no asfalto,
— Vegetal de *badine* e chapéu alto. —
Nos meus *fraks* não deixo abrir botoeira.
Tenho ideas de mais para floreira.

MARIA reprehensiva :

Se soubesse o desgosto que me faz!

GERMANO com calor :

Pois quer que eu seja o appendice, o cartaz
D'uma Venus qualquer, d'um Terra Nova,
D'uns cavallos normandos!?

MARIA

Dura prova,
Na verdade!

GERMANO

Não é esse o meu feitio.
A febre não me deixa ser vadio,
Nem domar poldros, á parte: nem lançar *cocottes!*

MARIA

Por que não foge para os *hottentotes!*?
Deviam dar-se bem!... tem todo o jus
De pretendente ao throno dos zulus.
outro tom: Vamos lá, não se zangue, não embace.
Cria-me, a sério, que se frequentasse
A *alta vida*, me obsequiava immenso...
Dóce: Havia de dizer-lhe quanto penso
A seu respeito... havia de ser seccante;
Não o deixava nem um só instante.
Fallariamos muito... E eu assim
Teria dois gozos... Um... O outro, emfim,
Seria vêr-me livre de meu primo.

GERMANO surprehendido :

O quê!? De Carlos?

MARIA

Sim... a quem opprimo

Com recusas, desdens, constantemente,
É que comtudo teima, — o insolente! —
Em me fazer a côrte.

GERMANO desolado:

O meu amigo!

MARIA

É um massador. Nem sei onde ache abrigo
Contra a perseguição convencional
D'esse importuno!

GERMANO

É o meu amigo leal!

MARIA

Detesto-o, odeio-o!... Então... livre-me d'elle.
Inquieta: Que tem!?

GERMANO

Minha senhora, por aquelle
Que vossencia regeita, resentida,
Sangra de gratidão a minha vida!
Venho agora com elle a encontrar-me
Na mesma ancia... O dever manda afastar-me.
E fique esfarrapado o coração!
Eu contrariar-lhe o affecto... oh! nunca, não!

MARIA

Inlouqueceu, meu charo? *Á parte:* É adoravel!

GERMANO firme:

Devo afastar-me, devo.

MARIA

Que admiravel
Requite de lealdade é esse agora?

GERMANO

Simplesmente um dever, minha senhora.

MARIA

Delicadeza que ninguem percebe.

GERMANO

Natural sentimento, que se bebe
Com o leite materno, e nunca mais
Nos abandona.

MARIA

Sentimentos taes
É que eu, — francamente, — não professo.
Seja razoavel; não me esteja obsesso
Por uma idea falsa.

GERMANO

É a consciencia.

MARIA

O Carlos já lhe fêz a confidencia
Da cruel perseguição com que me agasta?

GERMANO

Não fêz. Mas sei-o agora... e tanto basta!
Devo afastar-me.

MARIA trocista :

Por amor de Deus!

GERMANO froixo :

Custa-me...

MARIA persuasiva e doce :

Mas que escrupulos os seus!
Quando elle nem sequer este segredo
Lhe confiou... Dir-se-ha que anda ahi medo.
Ainda se eu lhe acceitasse a côrte, vamos;
Mas odeando-o... a meia voz: não sei por que esperamos.

GERMANO mais froixo :

Eu devo...

MARIA

Quero ser a sua Omphale.
Não me faz o que eu lhe peço?... Falle...
Jura!?!...

GERMANO toma-lhe a mão, rendido:

Juro... que a amo! O coração
Tenho-o todo no aperto d'esta mão.
Embriaga-se, lateja d'alvoroço,
— Tão cheio, tão feliz, como eu não posso,
Como não sei dizer... Oh! dôce instante!
O meu futuro espraia-se radiante,
Desponta a luz nas minhas amarguras,
Invadem-me vibrantes calenturas,
E sinto a alma evolar-se-me...

MARIA commovida:

Senhor!

GERMANO

A adorar-te, n'um extasi d'amor!

SCENA VIII

Os mesmos, CARLOS

CARLOS do fundo, surprehende-os:

Não sabia que já se conheciam.

MARIA

Meu Deus! o primo!

GERMANO

O Carlos!...

CARLOS escarninho:

Perdão... iam

Perfeitamente bem. Faz-me até pena
Tel-os interrompido... Bella scena!
Bonita, edificante, na verdade!
Era digna de a vêr toda a cidade.

GERMANO

Ó Carlos, não me faças esquecer...

MARIA

Quem o chamou aqui!? Que tem que vêr
Com o que eu sinto, ou faço?

CARLOS

Simplemente

Interesse de primo.

MARIA

Insolente!

Aqui sempre mettido, — que quesilia! —
Parece que faz parte da mobília.

CARLOS

Talvez... pola importancia que me ligam.

MARIA

Ligam-lhe a que merece.

CARLOS

Embora digam

Alto pelos salões que o meu logar
No coração da prima é de invejar:
Sapristi! que ironia!... Valho menos
Que qualquer d'esses trastes epicenos,
Aos cantos per ahí: — velhas cadeiras,
Sophás sem crina, môchos, cuspideiras...

MARIA exasperada:

Não o posso aturar!

CARLOS muito ironico:

Victima imbelle!

GERMANO n'um transporte:

Carlos! então!...

CARLOS

Que quer?

MARIA a Germano:

Livre-me d'elle!

Vá ao baile ámanhã... e deixe-o. Adeus! Sae, esquerda.

SCENA IX

GERMANO, CARLOS

GERMANO á parte:

Ao baile, ao baile... E como, grande Deus!?
 A Carlos: Dou-te a minha palavra que ignorava
 A existencia aqui...

CARLOS

Eu já esperava
 Essa excusa banal... Ironico: Não é bonito,
 Nem é proprio de nós.

GERMANO

Carlos, repito
 Que ignorava até ainda ha pouco, agora,
 A existencia aqui d'esta senhora!

CARLOS

Um empenho tão grande... eu logo vi.

GERMANO

Offendes-me. Eu nunca te menti!

CARLOS

Ou não fôsses tu creado em Campolide,
 Para deixar de ter a tal pevide
 Perniciosa e vil da hypocrisia.

GERMANO ameaçador:

Carlos, cautela!

CARLOS

E a sonsa da Maria!

GERMANO

Maria...

CARLOS troçando:

O quê! pois nem sequer o nome
Lhe sabias?... E crendo que me come!

GERMANO irado:

Exasperas-me! Eu perco-me! Tem mão.
Não a sabia aqui, — repito, — não!...
Se alguém traz do collegio a semente
Perniciosa e vil, eu certamente
Que não. Sempre te fui leal, — repito.
Agora mais que nunca! Nem admitto
Que o duvides... Este anjo incomparavel,
Esta creança purissima e adoravel,
Que eu amo com a força de que sou
Capaz, — vi-a uma vêz... e essa bastou
Para nos dedicarmos toda a vida!

CARLOS

Com effeito!

GERMANO

Foi na ultima corrida.
Per sobre o panorama bariolado,
E o oceano das cabeças agitado,
Eu via aquelle dôce olhar divino,
— Aquelle santo olhar diamantino, —
A incendiar, a inaltecer o meu,
A erguer-me a alma, a prometter-me o céu!...
De quem, de quem partia?... Ignorava.
Comprehendia-me!... e isso me bastava.
Hoje trazes-me aqui... E esse divino,
Esse profundo olhar diamantino,
Vem-me dizer: — pertença-te!

CARLOS

Veremos.

GERMANO

Oh! é meu! não t'ó cedo.

CARLOS

Luctaremos.

Guerra leal?

GERMANO

Seja.

CARLOS

GERMANO *confiado* :

Podes-me guerrear! Sae, fundo.

CARLOS

Heide cortar-te as guias, — deixa estar!





ACTO II

Sala communicando pelo fundo com o salão de baile. Á direita, uma estufa. Movimento de convidados ao fundo, durante todo o acto. — É noite.

SCENA I

CARLOS, MARIA, D. CISALDINA n'um sophá, á esquerda.

MARIA

Não posso concordar, tenha paciencia.

CARLOS

Isto é justiça.

MARIA

É maledicencia.
Acho o primo cruel em demasia.

D. CISALDINA

Germano um imbecil!... Quem tal diria!

CARLOS

Ah! digo-o eu, — bem vê, minha senhora.

MARIA

Um imbecil?... Confirma!

D. CISALDINA

Haan!... Essa agora!

CARLOS

E não só imbecil, — note-se bem, —
Mas ordinario e *gauche*.

MARIA reprehensiva:

Oh!

CARLOS

Pois quem,
Quem per ahi conhecem vosselencias
Mais roido, mais cheio de impacencias,
Mais ébrio d'ambições, d'um vôo mais lato,
E ao mesmo tempo mais grosseiro e chato,
Mais banal, mais ridiculo?... Respondam.

MARIA

D'aquella alma os mysterios não se sondam
Com um simples olhar...

D. CISALDINA interrompendo:

Isso é que é!

MARIA

Como a vasa do Aterro na maré
Baixa, — entende?... São límpidos, profundos.
Estremecem d'amor, alojam mundos...

D. CISALDINA

Pois já se deixa vêr.

CARLOS

Estou pasmado!

Como é que aquelle tolo desastrado
Lhe deu volta, priminha?... É assombroso!
Um exquisiteso, um futre ambicioso...
Que eu sou amigo d'elle.

MARIA

Bem se vê.

CARLOS

Mas custa-me que a prima... sim...

MARIA

O quê?

CARLOS

Se deixe assim lograr ingenuamente,
Deslumbrar por um parvo impertinente,
Intoiçado como a rã da Fabula,
Balôfo, inchado e grosso como um rabula,
Como um *pão de familia*.

MARIA

Meu charo,
Caprichos de mulher.

CARLOS

Sim, não é raro
Vêr um anjo a amar um imbecil,
exaggerando: Um pobre diabo... sem ter um ceutil,
Sem *a lnha*, sem uma idea séria,
Todo a estalar de inveja e de miseria...
Que compra o fato ali nos algibebes,
Que habita um quinto andar... Comes e bebes
Nas iscas, pelas hortas, ou no *Altinho*.
É ignobil, é porco, — e baratinho.

D. CISALDINA

Haan!... Com effeito!

MARIA

O primo está a brincar.

CARLOS

Palavrinha! Tomára eu fallar
Sempre assim com verdade.

MARIA

Então a roupa?...

CARLOS

Dos algibebes; é... Coitado! poupa
Uns tostões... Que remedio!

MARIA á parte, com desgosto:

Era bem falsa

A idea que d'elle tinha.

D. CISALDINA

E d'onde calça?

CARLOS

D'uma loja qualquer, suja e pequena,
D'essas de cabedal, da Magdalena,
Que têm o saloio por freguez.

D. CISALDINA

Pelindra!... E roupa branca?

CARLOS

D'uma vêz

Vi-lhe comprar piugas e camisas
Na... na *Loja do Povo*... Ironico: Muito lisas
E branquinhas... A pinto, — imaginem!

MARIA nauseada:

Pois elle veste d'isso!?

CARLOS

Eu vi-o, e nem
Entrei... Oh! que gentalha que lá ia!
Que cheiro relentado a porcaria!

MARIA

Ó primo, por Deus! cale-se. Que horror!

CARLOS á parte, radiante:

Virei-a.

D. CISALDINA a Maria:

Que me diz?

MARIA

Desolador!

CARLOS

Não é, nem pode ser limpo o Germano.
Veste duas camisas cada anno.
Eu sou amigo d'elle... mas, em summa,
Não posso permittir por forma alguma
Que a priminha o julgue differente
Do que elle é. Um pateta, simplesmente.
A Toleima com andas: — ora ahi está!

MARIA risonha e affavel:

Tem graça o primo.

D. CISALDINA

Haan! haan!... Não é má.

MARIA

Mas que tem feito então o pobre louco?

CARLOS

Come, bebe, passeia...

D. CISALDINA

Não é pouco.

CARLOS

E aos semestres muda de camisa.

MARIA

Oh! não diga isso, que me horrorisa.

D. CISALDINA

Deve cheirar bem mal o homemsinho.

MARIA

Ai! e eu que não trouxe o meu frasquinho
De saes... Como hade ser, se elle ahi vem?

CARLOS

Espera vê-lo aqui?

MARIA

Receio bem

Que sim.

CARLOS

De jaquetão, será possível.

MARIA a Carlos, muito amavel:

O primo é que vem hoje irreprehensivel,
Bello, distincto... um *dandy*, um catita.

CARLOS

Obrigado, priminha.

D. CISALDINA apontando ao fundo os convidados:

Olha a Rosita

Simões... a Cabralinho... haan!... a Noronha,
Seguidas do Garcez... Pouca vergonha!
Isto ha de ser bonito... E falta o mais!
Ah! que se eu escrevesse nos jornaes...

CARLOS

Bordaria nas chronicas galantes
Uns casos da *sua* vida interessantes...

D. CISALDINA

Então! não querem vêr o diabrete!

MARIA

Uma leve picada de alfinete...

CARLOS

Perdão, minha senhora!

D. CISALDINA

Sem exemplo.
Haan!... Eu nunca sacrifiquei no templo
Do Amor.

CARLOS

Como Vestal... Isso creio eu!

D. CISALDINA a Maria:

Vestal?... Elle que diz?

MARIA a Carlos:

Não percebeu.

D. CISALDINA a Carlos:

Mas explique-me cá: o tal amigo
Das iscas e do *Altinho* andou comsigo
Em Campolide?

CARLOS

Sim, minha senhora.

D. CISALDINA

E em que se emprega?

CARLOS

Eu sei!... Elle anda agora
Pretendendo um logar na Academia.
Tem sido tudo. Nem eu findaria,
Se fôsse a relatar-lhe as aptidões.
Até já foi pregoeiro de leilões!
Pharmaceutico, medico, dentista,
Chimico, actor, livreiro, jornalista,
Pintor, poeta, o diabo... Sempre tolo.

D. CISALDINA

Pois é o que é... haan! haan!... falta-lhe o miolo.

CARLOS

Na pharmacia não tinha formulario;
Aviava sempre mal...

D. CISALDINA

Que boticario!

CARLOS

Depois entrou na clinica, — meu Deus! —
E mandou muito martyr para os céus.
Borrou télas depois, estropiou rimas,
Descompoz os governos...

D. CISALDINA apontando os convidados:

Olha os Limas.

CARLOS

E sempre, sempre mal.

D. CISALDINA

Doido varrido!

MARIA

O primo é que afinal lhe tem valido.

CARLOS

Não nego, não... Eu sou amigo d'elle.

D. CISALDINA apontando ao fundo:

Haan!... espera... Ó Miquinhas, não é aquelle?

MARIA

É, é... Mas que casaca!

D. CISALDINA

Ih! Jesus.

CARLOS

Foi alugal-a certamente ao Cruz.

SCENA II

Os mesmos, GERMANO

GERMANO *do fundo, a Maria:*

Permitta-me vossencia que lhe beije
Esta adoravel mão. *Beija-a.*

CARLOS *a Maria:*

E não se peje
Do galanteio, vá...

MARIA

Receio a troça.

D. CISALDINA

Ai! nós fazemos... haan!... a vista grossa.

GERMANO

Não é de fazer pejo esta homenagem
De affectuoso respeito... nem coragem
Se requer para darmos expressão
Aquillo que nos dicta o coração.
Basta o fervor da crença, animo forte,
E um pouquinho d'alma, um culto, um norte,
Um facho ideal e santo que nos leve
Ao phantasiado Bem, n'um salto breve
Per atalhos de audacias e loucuras!

CARLOS

Um facho, hein!?!... não te queres ás escuras.

GERMANO

A treva é para o crime e os aleijões.
O que é grande e formoso quer clarões
Rutilantes de luz diamantina.

MARIA *trocista:*

Talvez lhe bastasse uma lamparina...
Ou então um *valverde*.

D. CISALDINA

Uma bichinha.

GERMANO

Basta-me um Eden...

CARLOS interrompendo, a meia voz :

Com folha de vinha,

Ou antes do peccado?

GERMANO

É um tiroteio

De espirito que me propõem, — creio?

MARIA

Um duello implacavel.

CARLOS

Figadal!

MARIA

Em guarda, que lhe pode ser fatal!

GERMANO á parte :

Como! Pois?... A Carlos: Carlos, isto é obra tua!

CARLOS a Germano:

Trabalho, enquanto tu andas na lua.

D. CISALDINA a Maria:

Ó menina, elle está muito embaçado,
A fallar a verdade.

MARIA com infado:

É um desastrado.

D. CISALDINA

Que sapatos aquelles tão mal feitos.

MARIA

Que poses de galan.

D. CISALDINA

E que tregeitos!

GERMANO á parte:

Estou cheio de ridiculo... É demais!

MARIA

Lá vem elle. E eu que não trouxe os meus saes.

GERMANO a Maria:

Minha senhora, então! fallemos sério.
Não se deixe levar do falso imperio
Da zombaria... e diga-me, — ande, diga, —
N'uma alada expansão, dôce e amiga,
Que da minha alma a ardente symphonia
Achou na sua um écho de harmonia!

MARIA trocista:

É o Luiz da *Morgadinha*; é o pintor.
Mas o Alvaro vae muito melhor.

SCENA III

Os mesmos, a VISCONDESSA

VISCONDESSA do fundo:

Bravissimo! Como isto está brilhante!
Vae ser decerto um baile deslumbrante,
Uma delicia, um conto das mil e uma
Noites, o reino do Prazer em summa.

CARLOS

Reino em que vosselencia é a rainha.

VISCONDESSA

Estou velha, meu charo... Adivinha
Talvez a minha idade...

CARLOS

Isso sim!

VISCONDESSA

Veja lá. Olhe fito para mim.

CARLOS

A sphinge da elegancia é impenetravel.

VISCONDESSA

E o meu amigo eternamente amavel.

•Comprimtando Maria e D. Cisaldina:

Como estão? Bem? *Á parte, inquieta:* Não vejo o conselheiro.

CARLOS *á parte, observando a viscondessa:*

A carta fez effeito.

VISCONDESSA *olhando a sala:*

Um verdadeiro

Ninho de fadas, uma ilha incantada,
Não acham?...

CARLOS *á parte:*

Ella vem preocupada.

VISCONDESSA *nervosa:*

Eu amo tudo quanto esplende e ri:
Os espelhos, a luz... *Á parte:* Ainda o não vi...
Alto O bulício, a vertigem d'uma walsa,
A nevrose do amor, que nos exalça,
Quando nos não interra em desinganos.
Quem me déra nos meus dezoito annos!

CARLOS *ironico:*

Ora, mas não tem mais de vinte e cinco.

VISCONDESSA

Tenho.

CARLOS

Não pode ser!

VISCONDESSA

Cuida que brinco?
Estou velha... mas ainda posso dar
O exemplo, e sou capaz de invergonhar
Toda esta mocidade, o mundo inteiro!

D. CISALDINA á parte:

Descarada!

VISCONDESSA impaciente:

E não vejo o conselheiro!

D. CISALDINA a Maria:

Ó menina, não vê? — que disparate! —
Um vestido lilaz e escarlata.

CARLOS

É igual na côr á pasta do amante.

MARIA

E passa esta mulher por elegante!

CARLOS á parte:

A carta fez effeito.

Ouve-se, dentro, o preludio d'uma walsa.

VISCONDESSA

Vae romper
O baile, meus senhores. É escolher
Par, sorriso nos labios, e depressa
Caminho do salão.

CARLOS á viscondessa:

A viscondessa
Hade ser *par marcante*... A festa é sua.

VISCONDESSA

Porquê?...

CARLOS intencional:

Trouxe correio?...

VISCONDESSA

Continúa!?

CARLOS

Não faz mal; isto é aqui muito em segredo.

VISCONDESSA

Olhe que se arrepende...

CARLOS

Faz-me medo!

GERMANO a Maria:

Dá-me vossencia a honra... de dançar?...

MARIA com infado, interrompendo-o:

Vá-se vestir primeiro. Alto: Tenho par.

Sae pelo braço de Carlos, com D. Cisaldina.

SCENA IV

GERMANO, a VISCONDESSA, o CONSELHEIRO

GERMANO

Não ha um raio ahi que me aniquile!...
Escarnecem-me, insultam-me... e eu tão vil e
Desprezível, que apenas limpo a face,
E não me some a terra, e vivo!

VISCONDESSA indo ao conselheiro, que vem do
fundo:

Ah! se

Soubesses com que ancia tenho andado
A procurar-te, Jorge!

CONSELHEIRO alto, derivando:

Um seu creado.

VISCONDESSA com intimativa:

Sabem tudo!...

CONSELHEIRO

Modera esse furor,
 Que nos observam... A Germano: Ah! é o senhor?
 Sempre veio?... Fêz bem. Olhe que o velho
 Era incapaz de dar um mau conselho.

A orchestra, dentro, executa uma walsa.

Chega mesmo a proposito. Aqui temos
 A amante do ministro... Nós sabemos...
 Isto é o melhor empenho. Isto é famoso!

À viscondessa, apresentando Germano:

Senhora viscondessa, um talentoso...

VISCONDESSA baixo, interrompendo:

Ouve-me!

CONSELHEIRO

E distinctissimo rapaz,
 Meu protegido. Vosselencia faz
 Ao infimo dos seus admiradores
 A honra de olhar com olhos protectores
 Germano d'Athayde?

VISCONDESSA baixo, ao conselheiro:

Eu estalo,
 Se não me ouves!... A Germano: Sim, sim... logo lhe fallo.

Germano sae, fundo.

SCENA V

O CONSELHEIRO, a VISCONDESSA

VISCONDESSA

Não sabes, Jorge?... O nosso filho vive!

CONSELHEIRO

Tanto melhor para elle.

VISCONDESSA

Nunca tive
Em toda a vida mais cruciante dôr,
Mais amarga surpresa, mais horror
De mim, de ti, dos homens e das coisas!

CONSELHEIRO

Nasceu... deve estar vivo.

VISCONDESSA

Pois tu ousas
Mofar d'esta noticia tremenda!?

CONSELHEIRO

Isso não é verdade; é alguma lenda
Forjada adrede para te prenderem,
Para te intimidarem, e obterem
De ti o quer que seja.

VISCONDESSA

Ah! não, não é!
Ha uma prova.

CONSELHEIRO

Sim?

VISCONDESSA

Da maior fé!

CONSELHEIRO

Qual?

VISCONDESSA

Aquella medalha...

CONSELHEIRO muito contrariado:

Eu bem te disse
Que era rematadissima tolice
Pendural-a do collo da creança.

VISCONDESSA

Pieguice de mãe... Via-a tão mansa,
 Tão doce, tão feliz, tão côr de rosa,
 N'aquella despedida angustiosa,
 Que não pude, não pude resistir!...
 Tão loirinha, tão fresca!... Ia a dormir,
 Sem que visse a traição que lhe faziam.
 Lá bem longe, depois, — oh! como haviam
 De abrir-se os seus olhinhos muito abertos,
 A procurar-me... pavidos, incertos...
 Os deditos no ar... o pranto a rôdo...
 E a confranger-se-lhe o corpinho todo
 No desespero de não vêr a mãe!
 Meu rico filho!...

CONSELHEIRO

Está bem, está bem.
 Eu extranho-a, senhora viscondessa!
 Pois que afflicção, que choradeira é essa?...
 Deixemo-nos de sentimentalismo
 Inútil e serodio... Eu no que scismo
 É em como o rapaz possa estar vivo,
 Depois d'esse desastre intempestivo...
 á parte: Mas providencial, alto: que o matou.
 Ninguém, — tu bem o sabes, — escapou.
 O barquito voltou-se realmente,
 E o rio cuspiu na margem toda a gente
 Depois, mas já desfigurada, morta:
 A ama, o barqueiro, todos.

VISCONDESSA

Que me importa!
 O nosso filho vive!... Pobre anjinho!
 A medalha, — o signal do meu carinho, —
 Foi-lhe roubada ha pouco mais d'um mêz.
 É porque elle está vivo; sim, — bem vêz.

CONSELHEIRO

Ora é verdade que o cadaver d'elle
 Nunca ninguem o viu.

VISCONDESSA

Que crime aquelle!

CONSELHEIRO

Foi um novo Moysés salvo das aguas.
Ainda vivo, incalhou talvez nas fraguas
Da ribanceira, e alguém por caridade
O acolheu e creou.

VISCONDESSA

Com que anciedade
Vou procural-o!... Morro por o vêr,
Por lhe fallar!... Eu quero-lhe dizer
Quanto houve de violencia refalsada,
— Ah! — n'aquella separação forçada;
Como a tua paixão libidinosa
Me estragou a candura affectuosa;
Como o teu miseravel egoismo
Me despediu cruel para o abysmo
Do amor a preço... e da devassidão;
Como a febre me inflamma o coração;
Como a alma se me cresta, se empeçonha;
E o tédio de mim mesma, e a vergonha
Me consomem roazes a existencia!
Heide contar-lhe tudo...

CONSELHEIRO

Isso é demencia!

VISCONDESSA

Como a ardente innocencia dos 15 annos
É seguida de atrozes desinganos;
Como o teu falso affecto me logrou...
Heide mostrar-lhe a mão que me arrojou
De si cruamente, n'um gesto d'enfado,
Como se faz a um traste escangalhado.
Heide empapar de pranto os olhos gastos;
E pedir-lhe perdão, ali, de rastos,
E offerecer-lhe, — humilde, agonisante, —
Immensamente, eternamente amante,
Toda a minha dedicação de mãe!

CONSELHEIRO

Continúa a rhetorica... Mas quem
Te deu tão extraordinarias novas?
Tão graves asserções carecem provas.

VISCONDESSA dando-lhe uma carta :

Esta carta.

CONSELHEIRO começa a lêr:

«Senhora...»

VISCONDESSA

Anda, vae lendo.

CONSELHEIRO lê:

«Senhora viscondessa, eu pretendo
«O logar de Inspector de Bellas-Artes.
«O meu merecimento e mais partes
«Constam d'um tal concurso, que já fiz.
«Fiquei numero 6. N'este paiz
«Porêm, o jury real, o mais temido
«É o ministro. Pretendo ser provido.
«Se o não fôr... ver-me-hei então forçado
«A divulgar o caso complicado
«D'um certo filho... sim!... que o mundo ignora...
«D'uma certa medalha... Emfim, senhora,
«Perdõe; mas, — bem vê, — tenho na mão
«Inteiramente a sua reputação,
«A sua honra, o seu nome, o seu futuro.
«Se fôr nomeado, ficará no escuro
«A anedocta... e aos pés de vosselencia
«Levarei a medalha com prudencia.
«Senão, não. Sabel-o-ha toda Lisboa.»
«Note bem: — O seu filho vive»... É bôa!

VISCONDESSA

É um escandalo, — vês?... Que heide eu fazer?

CONSELHEIRO com amarga ironia:

Minha rica, isto não se póde ser
Secretaria d'Estado impunemente.

E quem nos diz que o homem que não mente?
 Lê: «Vive, e é pobre. Roubaram-lhe a medalha
 «Ha pouco mais d'um mêz.» Grande canalha!
 Lê: «Diabo-côxo.» Um pseudonymo... É bôa!

VISCONDESSA

E esta noticia então não te magôa?
 Não te fere o remorso, o pejo, a dôr?...

CONSELHEIRO

A raiva!... Está pois vivo... sim, senhor...
 E esta!

VISCONDESSA

Ah! elles querem, — sim?... o bello
 Do escandalo fresquinho?... Pois vão tel-o!

CONSELHEIRO

Tu que dizes!?! Indoideceste, Alice?

VISCONDESSA

Hãode ter o escandalo, — já disse!
 Quero o meu filho, quero-o! Esta ancia vence-me.
 Saiba-o mundo, — acabou-se!... Elle pertence-me.
 Quero abraçar-me a elle... amar, viver...
 É obter-lhe o perdão. Quero esquecer
 Esta vida infernal em que atoláste
 O meu amor de virgem.

CONSELHEIRO

Ouve...

VISCONDESSA

Traste!

Dei-te louca as premicias da minha alma
 Sem macula, deixei colher a palma
 Da minha honra... E pagas-me, inganando-me,
 Sonegando-me o filho, abandonando-me
 Deshonrada, maldita de meus paes!
 Traste!... Desde esse instante, oh! nunca mais
 Vivi. Matou-me o teu infame egoismo.
 Um como que feroz sonambulismo,
 Um fatal desespero inconsciente,

Levaram-me a esta vida deprimente,
Suja, ignobil, da femea que se vende.
Adormeci na lama.

CONSELHEIRO

E pretende
Regenerar-se agora!?

VISCONDESSA *com exaltação:*

Amar, viver!

Oh! esta carta fêz-me renascer.
Despertei da ominosa lethargia.
Revivo!... Deixe esse ar de zombaria...
Conheço-me outra vêz. Quero o meu filho!
Verá como com elle compartilho
Delicias ineffaveis...

CONSELHEIRO *cynicamente:*

E o visconde,
O seu nobre marido?... Não responde?
E o ministro?... Nomeia o homem.

VISCONDESSA

Não!

Quero dar a desforra ao coração,
Aos impetos de amor que me consomem.
Amar, viver... ser mãe!

CONSELHEIRO

Nomeia o homem.

SCENA VI

Os mesmos, GARNUYSOL, depois GERMANO

GARNUYSOL *do fundo:*

Ó conselheiro amigo!

CONSELHEIRO

Olá! Bemvinda

A tua pessôa.

GARNUYSOL apontando a viscondessa:

Então... Pois tu ainda?... .

CONSELHEIRO

Isso sim!

GARNUYSOL

Olha cá. Sentam-se.

VISCONDESSA

E vae-se embora!

E não o move a dôr que me devora...

Para elle não valho nada já.

E nem eu... nem ninguem... É o que ali está:

Termina a walsa; Garnuysol escreve n'uma carteira.

Um sofrego, um judeu, um onzeneiro.

Tudo aquillo enkistou em mealheiro.

A sua antiga e dulcissima ternura

Eis no que veio a dar: — vaidade, usura.

Foi cunhado na *Casa da Moeda*.

É um sacco de dobrões. Só o embebeda

O oiro, o fausto, o luxo, a ostentação.

Miseravel!...

GARNUYSOL ao conselheiro:

Quatorze, — vês?

CONSELHEIRO

E então

O *coupon*?...

GARNUYSOL escrevendo:

Sim... espera um momento.

CONSELHEIRO

Agora as inscripções de assentamento

Faz a conta, vê lá, polo seguro.

GARNUYSOL

Pedimos garantia para o juro.

GERMANO do fundo, á parte:

Como tudo isto é triste, repellente!
Trescala a podridão este ambiente.
Sente-se a gente como que a descer,
A atascar-se, a quebrar...

CONSELHEIRO a Garnuysol:

Não pode ser!
Põe a quarenta e sete e trinta e cinco.

VISCONDESSA á parte:

E continuam com o mesmo afinco.
Vendo Germano: Este é o tal rapaz, seu protegido.
Sympathiso com elle.

GERMANO á parte:

Ando vendido,
Inleiado n'este meio deleterio.

VISCONDESSA a Germano:

Ás suas ordens, meu charo... Assim, tão sério,
Tão só, tão sorumbatico, — um rapaz!?
Isso que quer dizer?... que çausa o traz
Tão altamente preocupado? — diga!
Olhe que eu sou devéras sua amiga;
E mais, mal o conheço... Acredite.
É uma affeição de instincto, de palpíte.
Interessa-me, — creia.

GERMANO

Obrigado.

VISCONDESSA

O que é que o traz assim preocupado?

GERMANO

Preocupado, sombrio... Eu nem sei,
Minha senhora. Á parte: Que senhora! Alto: É lei,
É tendencia fatal do meu destino.
Sou triste, porque sou.

VISCONDESSA *insinuante*:

Eu imagino.
Uns amores talvez, crueis, tyrannos...

GERMANO

Amores!... Tenho-os, sim, mas extra-humanòs,
Divinos, immortaes. Eu amo ideas!
Sou um crente que vae pelas areias
A demandar a Méca do Ideal
Na caravana da alma... Por meu mal,
Atasca-se-me a alma a cada instante
No Mundo, — este enxurdeiro repugnante,
Feito de tréva e lama e de materia, —
Onde uns, os grandes, montam a miseria,
Outros andam, escravos, de joelhos,
E a mulher põe a honra nos espelhos,
E o homem faz casa ao pundonor
No intestino recto...

VISCONDESSA

Sim, senhor!
É original, sensato... e delicado.

GERMANO

Sou uma féra, bem sei; um malcreado.

VISCONDESSA

Precisava um açamo por castigo.
Ora venha d'ahi dançar comigo.
Heide cural-o...

Dá o braço a Germano; saem, fundo.

CONSELHEIRO *a Garnuysol*:

E a divida fundada?

GARNUYSOL

Tudo... 12 por cento. Levantam-se.

CONSELHEIRO

Não é nada!

GARNUYSOL

Ainda assim, vale a pena. Deixa lá. Saem, fundo.

SCENA VII

O VISCONDE, ROGERIO, depois o TENENTE FARINHA

ROGERIO do fundo, com o visconde:

Com que então, polo beízo?... Ora não ha!

VISCONDE

Perdidinha de todo... E é tão bôa!
Insine-me vossê ahi qualquer lôa,
Qualquer coisa bonita, que eu lhe diga.
Por exemplo, o cabello...

ROGERIO

Uma estriga
De raios de sol nascente.

VISCONDE

Bem. E os olhos?

ROGERIO

Esmeraldas de luz; mar sem escolhos.

VISCONDE

Isso, isso!... E aquelle collo tentador?

ROGERIO

O ninho predilecto do Amor.

VISCONDE

E a bocca, a boquinha tão pequena?

ROGERIO

Duas rimas de carmim n'uma açucena!

VISCONDE

Bravissimo! Vossê é o diabo.
É um genio. Nem sei como não dá cabo
Da cabeça, a tirar de lá tudo isso.

ROGERIO

Ah! eu sou forte.

TENENTE FARINHA *do fundo:*

É uma flôr no viço.

ROGERIO

Olha o bravo Farinha per aqui!

TENENTE FARINHA

Podéra! Onde houver brodio, lá cahi.
Tu é que, — já se sabe, — és infallivel...

ROGERIO

Reporter de jornal, é-me impossivel
Dar falta.

TENENTE FARINHA

São as vossas sinecuras.

ROGERIO

Tu não faltas tambem ás formaturas.

TENENTE FARINHA

E não são poucas, não, as que me impingem!
Mas quantas vêzes, — oh! — vossês não fingem
Que viram o que estão a descrever.

ROGERIO

Nós, fingir!

TENENTE FARINHA

Não me estejas a comer.
Tomára eu tantas libras!

ROGERIO *affectado:*

A Verdade
É a grande aspiração da probidade
Jornalística. Nós vamos a tudo
Para observar, fazer o nosso estudo,
E dar depois ao publico illustrado
A summula do factu observado.

TENENTE FARINHA

Vossês vão aonde querem, ora adeus!
 E imaginam que o mundo é de sandeus.
 Eram capazes de negar a Christo
 Para armar aos 10 réis!

VISCONDE

Mas como é que isto
 Os não infada: — ser assim presente,
 Dia a dia, a seguir, constantemente,
 A quanto ha de novo na cidade?

ROGERIO

Infadar!... Mas é a nossa magestade
 Soberana, que vimos confirmar.
 O diorama do mundo é o nosso altar.
 Essa *cohue* enorme de intriguinhas,
 Vaidades, ambições, luctas mesquinhas,
 Aos tombos per ahi, venera a imprensa;
 Tem-lhe uma adoração sagrada, immensa...
 Porque a teme! Não ha quem nos resista.
 O Deus das multidões é o jornalista.
 Em qualquer festa, somos sempre os reis.
 Por exemplo aqui, — logo o vereis!
 Apenas eu me assente n'um cantinho,
 Põem-se logo ali n'um instantinho
 As damas a passar na minha frente,
 Ostentando a elegancia empafiantemente,
 Meneando os leques, rastolhando as caudas.
 Magnifico! São outras tantas laudas
 Do livros do ridiculo... Tambem
 Vem os homens, olé! Vem barões, vem
 Janotas, bacalhoeiros e gran-cruzes,
 — Tudo n'um movimento d'alcatruzes, —
 A passar-me no fóco da luneta,
 Teimosos, supplicantes... — não é peta! —
 A vêr se os assignalo na carteira.
 Magnifico!

TENENTE FARINHA

Que grande pepineira!

ROGERIO

No dia seguinte, lá vão todos vêr
 Se eu lhes dei a importancia de os metter
 Na tal chronica, — sabem? — da *alta vida*,
 N'aquella salgalhada divertida
 De velludos, setins *maravilhosos*,
 Diamantes a morder collos formosos,
 Sedas *brochéés*, diademas, penteados,
 Grandes pannos de saia adamascados,
 E tunicas de ponto de Alençon.

Apontando para o movimento de convidados, ao fundo:

Já me viram, repara... Isto é tão bom!
 Vês como tudo aquillo já se agita?

VISCONDE

O mercieiro é que está mesmo um catita!
 Dá uma festa d'estalo, bella, extranha,
 Em honra do irmão, hein!?

ROGERIO

Não se apanha
 Hoje um irmão ministro facilmente.
 Faz elle muito bem.

VISCONDE

Oh! certamente.

TENENTE FARINHA

Dá-lhe tom.

ROGERIO apontando para o fundo:

Ó visconde, ali a tem!

VISCONDE

Ella é tão bôa!

Vae a uma das convidadas, ao fundo.

ROGERIO a tenente Farinha, explicando:

A Cabralinho.

TENENTE FARINHA

Bem

Sei. Mas dize-me cá: — o ministerio
Está firme?

ROGERIO

Por um cabelo.

TENENTE FARINHA

Sério!?

Tu és da opposição, tu és suspeito.

ROGERIO

É o que te digo. Aquillo está desfeito.

TENENTE FARINHA

Que o leve o diabo! — a vêr se me transferem.
Mandam-me para o 24, e querem
Que eu marche... vê tu! — Penamacôr.
Lá no cabo do mundo, um horror;
Paiz de cafres, um forno, uma espelunca!

ROGERIO

Mas então um rapaz, solteiro...

TENENTE FARINHA

Nunca

Sahi de Lisboa; causa-me transtorno. Saem, fundo.

SCENA VIII

CARLOS, MARIA

CARLOS com Maria polo braço:

Prometto-lhe, priminha, que não torno
A fazer allusões...

MARIA

De tão mau gosto.

CARLOS

Sou difficil de convencer... Aposto
Que ainda tem lá no íntimo o galan
D'aquelle *duetto* d'hontem de manhã...

MARIA

Torna!?... Fico de mal.

CARLOS

Perdão, priminha.

MARIA

É incredulo como uma creancinha.

CARLOS

Sou como S. Thomé.

MARIA

Ah!

CARLOS

Não sabia?...

Şó acho provas reaes na anatomia.
É a mais bella, a mais pratica sciencia,
— Sem querer offender a vosselencia.

MARIA

Para se convencer queria então
Dissecar-me talvez...

CARLOS

O coração!

MARIA

A sério, acredite, meu amigo,
Que só pode fazer liga comigo
Gente de bem, de luvas, de gravata.
Quero-me com a fina-flôr, a nata,
O creme da elegancia. Odeio o vulgo,
Que tresanda a suor e a alcool, — julgo.

CARLOS

Shoking!

MARIA

E os operarios, que andam só
A sujar-se de côdeas e de pó?...
Têem callos nas mãos; magôam a gente.
E essa tal mocidade intelligente,
Cheios de caspa e de tinta, unhas de lucto?...

CARLOS

Ah! não valem a ponta d'um charuto.

MARIA

Só poderei amar um elegante...
Como o primo, — assim!

CARLOS

Quem m'o garante?

MARIA

Tem razão. Tenho sido tão cruel,
Tão injusta comsigo!... Quanto fel
Não deve haver no fundo da sua alma
Contra mim?

CARLOS

Ha uma viridente palma
De doçuras mais dôces que as dô Hymeto.

MARIA

Sim?... Muito, muito dôces?... Pois prometto
Saboreal-as... Eu sou muito gulosa!

CARLOS á parte:

E ainda mais inconstante e caprichosa.
Para a ter bem segura, é mister
Compromettel-a...

Alto, incaminhando Maria para a estufa:

Vamos nós a vêr,
Priminha, aqui a estufa?... É linda, — diz-se.

MARIA hesitando:

Mas... e se alguém nos vê?

CARLOS á parte:

Se alguém nos visse!

Alto: Medos de collegial, prima!... ora, ora!

Sae com Maria para a estufa; Rogério e o tenente Farinha, que veem do fundo, veem-nos entrar.

SCENA IX

Os mesmos, ROGERIO, TENENTE FARINHA, depois GERMANO

ROGERIO a tenente Farinha:

Bem te dizia eu, ainda agora,
Que a nossa obrigação é observarmos,
E, onde escandalo houver, aproveitarmos.

Germano, que vem do fundo, escuta sem ser visto.

N'aquella estufasinha creio que ha
Das taes plantas em que falla o Zola,
Irresistiveis thalamos, venenos
Sensuaes, estonteantes... polo menos
O Carlos foi fazer a experiencia.

TENENTE FARINHA

Mas então...

ROGERIO

Vi-o entrar, — tem paciencia.
E, antes d'elle, um outro vulto humano,
Feminino e gentil, se não me ingano.

TENENTE FARINHA

Seria a prima...

ROGERIO

É de presumir.

GERMANO á parte:

Oh! meu Deus!

Entra na estufa precipitadamente.

ROGERIO

Quem entrou, hade sair.
Senta-te, e paciencia. Aguardemos.

TENENTE FARINHA

Fallam alto lá dentro.

ROGERIO

Escutemos.

Parecem vozes de homem...

GERMANO sae da estufa com Carlos.

Reprimindo a cholera: Muito embora!

Nunca...

CARLOS reprimindo-se tambem:

Com que direito!?

GERMANO

É uma senhora.

Nunca consentirei que a compromettas! *Sae com Carlos.*

ROGERIO desapontado:

Ora esta! Atraiçoaram-me as lunetas.

Apparece Maria á porta da estufa.

Eu á espera do escandalo... e afinal
Sae-me com o Germano!

TENENTE FARINHA

Viste mal. Saem, fundo.

MARIA que ouviu, com emoção:

Foi para me salvar! *Sae, fundo.*

SCENA X

O CONSELHEIRO, a VISCONDESSA

CONSELHEIRO do fundo, com má vontade:

Vá, que mais queres?

Tenho a instarem por mim os affazeres,
E não posso gastar agora a vida
A attender Magdalena arrependida.

VISCONDESSA

Jorge, tem dó de mim! Ouve-me! Escuta.
Pois d'aquella infindavel e absoluta
E santa idolatria, que sagrou
Outr'ora o nosso amor, — tudo acabou!?
Pois morreu o que se dizia eterno?...
Pois o gelo implacavel do inverno
Pode apagar, crestar sem piedade
As florações da nossa mocidade
N'esse teu peito generoso e amigo!?...
Impossivel! — oh! não... — Ouve o que eu digo:
Amei-te muito, muito!... Se te amei!
Pois bem, Jorge; — conheço que serei
Ainda capaz de amar-te como d'antes,
E de resuscitar esses instantes
Ineffaveis, divinos de ventura!...
Achas-me hoje uma abjecta creatura,
Um pedaço de esterco... O amor redime,
Exalça e purifica! Ergue do crime
Á apothese; eleva do antro á luz!
Não tem sido pequena a minha cruz...
De todos os amantes, que acceitamos,
Afinal só um, — só o primeiro amamos.
Sou tua, Jorge. Não podes esquecer-lo.
Tem sido a minha vida um pesadelo
Horriavel, um parenthesis immundo,
Uma carreira ignobil pelo mundo
Da vergonha e da dôr... Mas, — sabes tu? —
Vejo sempre a sorrir no campo nu

Da minha aviltação o idyllio antigo,
Lá ao longe, a brilhar, como um abrigo;
Como a luzinha do casal distante
Sorri por alta noite ao viajante
Fatigado e perdido...

CONSELHEIRO

Mas, em summa,
Aonde queres chegar?

VISCONDESSA

Pedir-te uma
Graça suprema... Ouve, por quem és!
Achar o nosso filho!... e todos tres
Irmos viver d'aqui para bem longe:
Para a cella, alta e livre, d'algum monge;
Para uma ilha dôce e humida do Rheno;
Para um canto da Italia, quente e ameno;
Para a serenidade azul dos lagos...
E fundarmos ahí, no meio de afagos
E ternuras perennes...

CONSELHEIRO interrompendo:

Ó mulher,
Tu estás doida!?.... Então, não querem vêr!
Fugir, ir para longe!... E a sociedade?
E a minha respeitabilidade?
O mundo, o meu bom nome, o alto conceito
Em que me têm?... Fugirmos... Tem lá geito!

VISCONDESSA

Sempre sujeito aos outros, sempre escravo
Da apparencia. Impostor!

CONSELHEIRO

Anda, isso, bravo!

VISCONDESSA

Sempre, sempre a pensar no que dirão.
Sempre á mira da fama.

CONSELHEIRO ironico:

Pois então!

VISCONDESSA

Sempre artificial, sempre covarde!
Por meu mal, conheci-te muito tarde.

CONSELHEIRO

E a Micas, essa creança, — que havia
De eu?...

VISCONDESSA

Bem te importa a ti a tal Maria!
A Micas!... Oh! eu leio-te no fundo.

CONSELHEIRO

Eu acolhi-a...

VISCONDESSA

Em atenção ao mundo,
Por luxo, para te chamarem bom.

CONSELHEIRO

Protejo artistas...

VISCONDESSA

É porque é do tom.
Vaidoso e impostor! — não és mais nada.
Tal qual como uma pedra bem caiada:
Branca, mas fria.

CONSELHEIRO

Suppõe por um momento
Que é assim... Cuidas que eu vou deitar ao vento
Esta reputação tão garantida,
O trabalho de toda a minha vida,
Por um simples capricho de mulher?...
Minha rica, eu estou-te a perceber.
A *procura*, — bem sei, — vae-te faltando.
Estás na transição... Mas isso, quando
As rugas teimam sôb o alvaiade

Em accusar a certidão de idade,
E o cabelo se risca em fios de prata,
O remedio é sabido... Faz-te beata.
Frequenta S. Luiz.

SCENA XI

Os mesmos, o MINISTRO, CONVIDADOS

1.º CONVIDADO ao fundo, apontando:

Olha, olha!

2.º CONVIDADO

Quem?

1.º CONVIDADO

O ministro, o ministro!

TODOS

Elle ahi vem.

Atravessa o fundo o ministro, á direita do irmão, rodeado e seguido polos convidados.





ACTO III

O boudoir da viscondessa. Ao fundo, a alcôva. No centro uma elegante mesinha, pejada de papeis.— E noite.

SCENA I

A VISCONDESSA, CREADOS

VISCONDESSA vem da esquerda á mesa do centro:

Cá temos a eterna papelada
De eternos pretendentes. — Que massada!
Cartas, memoriaes, requerimentos,
Bilhetinhos, lamurias aos centos,
Offertas, doações... e ameaças mesmo:
Tudo assim para aqui a monte, a êsmo,
N'esta pilha dantesca, colossal,
Onde se dão dentadas de chacal,
Milhares d'ambições antagonistas,
E onde rangem miserias nunca vistas.
Toma um papel: Por exemplo, aqui temos um soldado
Manêta, cego e surdo, estropiado,

Velho heroe da Terceira e do Mindello,
 Preso hoje á vida só por um cabello,
 Reliquia veneranda, que requer
 Uma auctorisação para poder
 Pedir esmola á esquina d'uma rua.
 A fome afflige-o, insistente e crua.
 O Estado dá-lhe dois vintens por dia!
 Para um heroe, é sôlido em demasia.
 Tem loiros, — não precisa de dinheiro...

Toma outro papel: Agora este é um antigo bandoleiro.
 Foi assassino, bebado, ladrão,
 E quer entrar na fiscalisação
 Externa das Alfandegas... Nomeado.
 Reune as condições; é despachado.

Toma outro papel: Olá!... Um petimetre analphabeto
 Que pede um consulado, por decreto,
 Por simples graça régia, sem concurso.
 Mas como isto se pede!... Tem o curso
 Superior de letras... Ah! não é
 Analphabeto... Quasi... Creio que
 Saberá lêr per cima. — Está servido.

Affirmando-se: Recommenda-o o Jorge!... Indeferido!

Toma outro papel: Cá vem este judeu, — genio felino, —
 Que quer construir o cabo submarino,
 E me promette em paga um par de libras...
 Oh! é ignobil tudo isto; irrita as fibras
 Da mais abjecta alma... E eis como eu,
 Amante d'um, supporto o escarceu
 Das pretensões para os ministros todos!
 Sou um *poder occulto*, polos modos.
 Tenho as mercês dos labios impendentes.
 E a chusma servil dos pretendentes,
 Em vêz de desfilarem sôb a Arcada,
 Vem desfilar-me sôb a mão cansada
 No ambiente môrno d'este meu *boudoir*.
 Aonde a chancela real veio parar!

A uma alcôva suspeita... Triste! triste!

Com emoção: Mas o meu filho, o meu filhinho existe!
 E eu não sei d'elle, — oh! Deus, — eu não o vejo...
 Não o posso devorar no ardor d'um beijo;
 Não posso dar-lhe os extasis insanos
 D'um amor sequioso de trinta annos;

Não posso adormecel-o ao coração!
Dae-m'ó, Virgem Santissima...

CREADO com uma carta:

Perdão...

Trago um bilhete para vosselencia.

VISCONDESSA tomando a carta, á parte:

Do ministro...

CREADO

Parece que é de urgencia.

VISCONDESSA

Quando veio?

CREADO

Ha coisa d'uma hora.

VISCONDESSA

E então vem entregar-m'ó só agora!?
Porque não m'ó levou á mesa?

CREADO

Eu ia...

Mas vosselencia sempre estimaria
Mais que eu lh'ó dêsse quando a visse só.
Perdoará, se andei mal...

VISCONDESSA

Não, não andou.

É discreto vossê...

CREADO á parte:

E não sou tolo. Sae, esquerda.

VISCONDESSA com a carta:

Vem logo ahi talvez... Que desconsolo!
Que atroz viver o meu!... Oh! se essas damas
Que me invejam, podessem vêr as chammas
Em que se estorce a femea invilecida,
E os tédios, as torturas d'esta vida,

Não me invejavam... tinham dó de mim.

Abre a carta e lê:

«Á meia noite. Vou pelo jardim.»
 É isto! Sou um méro instrumento
 De luxo e de prazer. Um passatempo.
 Um vasadouro immundo, um enxurdeiro...
 Os grandes do poder e do dinheiro
 Afogam-me na carne a phantasia.
 Sou uma trivial mercadoria,
 Um vilíssimo traste de aluguer...
 Vamos! É quem mais lança. Quem mais quer?...
 E eu já fui pura, já... como o junquillo.
 Perderam-me, cahi... Com receio: E se o meu filho!?...

Toca uma campainha.

CREADA do fundo:

Que precisa, senhora viscondessa?

VISCONDESSA

O meu roupão de noite, — ouviu? Depressa!

Saem, fundo.

SCENA II

O VISCONDE, só

VISCONDE da esquerda:

Dá licença, *lili*?... Onde está ella?
 Talvez na alcôva... Eu vou surprehendel-a.
 Já lhe ouço o gritinho... Nada, não.
 Ella afinal não gosta; e tem razão.
 Ha uns certos segredos de *toilette*,
 Nos quaes o homem nunca se intromette,
 A menos que não seja bem grosseiro;
 E eu prézo-me de ser um cavalheiro.
 Eu adoro o mysterio na belleza,
 O correctivo feito á Natureza,
 O perfume pagão do *opopanax*,

As formas que se occultam por detraz
 D'um *corset* elegante e apuradinho...
 Como aquelles que usa a Cabralinho!
 Pausa. Mas que mulher que eu tenho! Dá-me gloria.
 Isto é que é mulher, — e o mais é historia.
 Graciosa, distinctissima, adoravel,
 Finissima no gesto, inegalavel
 Na originalidade do vestir.
 Os jornaes não se cansam de a applaudir.
 Já não é moça, não; mas d'um apuro!
 É um fructosinho muito bem maduro.
 E talentosa! Manuseando os papeis: É vêr. Isto são tudo
 Consultas ao seu genio, ao seu estudo.
 Vem ter com ella aqui ainda os mais sabios,
 A recolher-lhe as instrucções dos labios.
 — São amantes... — calumnias de sandeus!
 É uma mulher d'espírito, ora adeus!
 Eu orgulho-me todo, quando passo
 Com ella gentilmente polo braço,
 Ao longo dos salões apparatusos,
 Calcando a multidão dos invejosos.
 Depois, — que bom! — não é nada exigente
 No que respeita a amor... e pode a gente,
 Com folga, liberdade e com vagar,
 Em conquistas de tom refocillar
 A porção de animal que todos temos.
 Sim! que nós geralmente carecemos
 D'isso... Ai! se ella esta noite adoecesse
 Com a dôr do costume, e não quizesse
 Ir ao theatro, que splendido que era!
 Chegava á Cabralinho.

SCENA III

O VISCONDE, a VISCONDESSA

VISCONDESSA do fundo:

Estava á espera,
 Visconde, ha muito tempo?

VISCONDE

Não, *lili*.
E, que estivesse, então?... Eu cá por si
Supportava, bem sabe, de bom grado
O supplicio mais duro e requintado.

VISCONDESSA

Acredito, meu bom amigo; e creia
Que a minh'alma transborda, mais que cheia
De estima e gratidão aos seus extremos.
À parte: Cheia de tédio...

VISCONDE *desvanecido*:

Nós sempre fazemos
Um par bem *singular*, divino; não
Acha?

VISCONDESSA *à parte*:

Idiota!

VISCONDE

Mas, reparo... Então
N'esse *deshabillé*?

• VISCONDESSA

Tenho comigo
A horrivel enxaqueca. O meu amigo
Não imagina como isto incommoda!
Sinto esmagar-se-me a cabeça toda
N'um circulo de ferro...

VISCONDE *hypocrita*:

Que tormento!

VISCONDESSA

E umas nauseas mortaes, um quebramento!

VISCONDE

Um cruel padecer. Pobre *lili*!
Porque se não resolve a sair d'aqui,
Da atmosphaera fatal d'este monturo?
Vamos viajar, beber um ar mais puro,

Admirar as bellezas do estrangeiro,
Fugir ás vaporadas do caneiro.
Lisboa é uma cloaca obstruida.
Nem o clyster aereo da Avenida
É capaz de a limpar.

VISCONDESSA

Não diga mal
Do que é nosso. Eu vejo que, afinal,
Lisboa é sempre muito elogiada
Por todos os extranhos.

VISCONDE

Nada, nada!
Isto é um ventre a pedir oleo de rícino;
É um syphão intupido...

VISCONDESSA

Porco!

VISCONDE

Disse-o no
Gremio hontem o Rogerio, por chalaça,
E acharam-lhe todos muita graça.

VISCONDESSA *dorida:*

Falle baixinho, sim?... Deixe-me só.

VISCONDE

Deixal-a!... Oh! isso nunca.

VISCONDESSA

Se tem dó

De mim...

VISCONDE *muito terno:*

Lili!

VISCONDESSA

Se quer obsequiar-me,
Nada tem a fazer senão deixar-me.

VISCONDE á parte:

Que mina! Alto: Pois não quer nem um nadinha
De companhia?

VISCONDESSA

Desejo estar sósinha.

VISCONDE

Bem. Vou-me ao Gremio...

VISCONDESSA

Vá.

VISCONDE

Mas venho cedo.

VISCONDESSA

Demore-se á vontade.

VISCONDE

Vou com medo

E com cuidado... Não me querem cá!...

Á parte: Bem bom!

VISCONDESSA á parte:

Carraça! Alto: Vá, meu charo, vá

Sem receio... E olhe, mande a frisa

As Souza.

VISCONDE

Mando.

VISCONDESSA

Logo nem precisa

Vir aqui... São ataques conhecidos.

Por hoje, — sim? — ficamos despedidos.

VISCONDE

Seja... Beija-a. Até amanhã.

VISCONDESSA

Adeus, querido.

VISCONDE á parte :

Fiz bem o meu papel de bom marido.
E vou-me á Cabralinho! Sae, direita.

SCENA IV

A VISCONDESSA, um CREADO

VISCONDESSA só:

Apre! custou.

Solícito a valer... Nunca teimou
Assim tanto em fazer-me companhia.
Aquillo, lá no intimo, queria
Hoje talvez... Idiota!... E eu a atural-o!
É um satyro lascivo. No intervallo
Das suas deploraveis aventuras
Descarrega-me o *douche* das ternuras,
E recae no affecto conjugal.
Insupportavel coisa!... Afinal,
Sae cara a problematica vantagem
Do editor responsavel. A equipagem
Que arrasta de exigencias odiosas
Esmaga; faz-nos horas tormentosas;
É um supplicio que escapou ao Dante;
Um flagello nojento... Oh! é seccante.

CREADO da direita :

Está ali um mancebo...

VISCONDESSA

Quem?

CREADO

Subiu

A antecamara...

VISCONDESSA

E não o despediu!?

CREADO *intencional* :

Vosselencia está com a enxaqueca...

VISCONDESSA *á parte* :

Insolente! *Ao creado* : Elle é?...

CREADO

Carlos da Fonseca.

VISCONDESSA

Mande entrar. *Á parte* : Oh! o Carlos a esta hora!

O creado sae, direita.

SCENA V

CARLOS, a VISCONDESSA

CARLOS *da direita* :

Confesso-me gratissimo, senhora
Viscondessa, por tão subida prova
De consideração e...

VISCONDESSA

Não é nova,
Nem grande a distincção de o receber.
Eu estava-me aqui a aborrecer.
Fez bem em vir. Até lh'o agradeço.

CARLOS

Isso requinta immensamente o preço
Da amabilidade.

VISCONDESSA

Ora essa!

CARLOS

Nem serei tão ingrato, que o esqueça
Jamais... Trouxe-me aqui negocio urgente.

Um desejo, um empenho vehemente
 Por ter a honra de lhe apresentar...
 O *Diabo-Côxo*!

VISCONDESSA com espanto:

Hein!... Está a brincar!

CARLOS

Nunca fallei tão sério, — palavrinha.
 Sou eu o *Diabo-Côxo* da cartinha.

VISCONDESSA

O auctor d'aquella infamia!... Não o creio.

CARLOS cynico:

Sou eu, palavra de honra. Foi um meio,
 Como outro qualquer, de a ter segura.
 Vou ouvir uma atroz descompostura;
 Mas afinal de contas sem razão.

VISCONDESSA

É cynico, ou doido!?

CARLOS

Pois então

Não é hoje um axioma consagrado
 A lucta pola vida?... Bem: eu cá do
 Meu lado vou luctando!

VISCONDESSA n'uma explosão:

E tem o arrojo
 De me vir affrontar!... Não cae de rojo,
 Em ancias de perdão, balbuciante,
 Desfeito n'uma supplica!?... Tratante!
 Eu tenho garras! Saia-me d'aqui!...

CARLOS

Viscondessa, perdão... Eu commetti
 Para comsigo algum crime nefando?
 E a lucta pola vida. — Vou luctando.

VISCONDESSA

Sinto lume na alma... Vá-se embora!

CARLOS

É mais formosa assim, minha senhora.

VISCONDESSA

Saia, saia d'aqui... que o estrangulo!

CARLOS muito ironico:

Bello arranque! Faltou-lhe dar um pulo,
E era melodramatico a valer.

VISCONDESSA rendida:

E assim como se ultraja uma mulher,
Sem motivo, sem dó, cobardemente...

CARLOS

Ultrajar! Nem por sombras. Simplesmente
Queria fazer vêr a vosselencia
Que é um alto dever de consciencia
Para o Diabo — espreitar pelos telhados.
Ora alguns estão muito bem chispados;
Não se vê... Mas o seu é de crystal.
Vi para dentro... Não m'o leve a mal.

VISCONDESSA

Acabemos com isto, — por piedade!
Vamos a conversar com seriedade.
Não me caustique mais. Bem vê: venceu-me.

CARLOS

Parabens, viscondessa. Pareceu-me
Que já não era a mesma, — a mulher forte,
A primeira na *splendida* cohorte
Das damas da *élite*... Oiro de lei. —
Estava-me tão tragica!... Receei
Que tivesse deixado a nossa sphera.
Felizmente, reincontro-a tal qual era.
Parabens.

VISCONDESSA

Sou a mesma com certeza.

CARLOS

Pois então, muito bem; cartas na mesa.
Deixemos gritarias de mau gosto
E parlemos franco... Aposto
Que não descobre como eu me apossei
Do medalhão que a compromette.

VISCONDESSA

Eu sei!

Mas conte lá.

CARLOS

É um caso interessante.

VISCONDESSA

Achou-o no *boudoir* d'alguma amante.

CARLOS

Frio, frio...

VISCONDESSA

Roubou-o a um amigo.

CARLOS

Viscondessa! magôa-me.

VISCONDESSA

Eu não digo
Isto para o offender. Não tenha pello.
Comprou-o n'um ourives... Foi obtel-o
Ahi á *Feira da Ladra*.

CARLOS

Frio.

VISCONDESSA

Então
Pescou-o n'algum barril do lixo.

CARLOS

Não.

VISCONDESSA

N'uma casa *de prego*.

CARLOS

Quente! quente!

Adivinhou.

VISCONDESSA *ironica*:

Difficil, realmente!

O que eu não sei é como o meu amigo
Poude descortinar que um broche antigo,
Ao acaso, sem rubrica, esquecido,
Extraviado, me tinha pertencido.

CARLOS

Isso são contos largos. É o melhor
Da historia... Talento superior,
Minha senhora!

VISCONDESSA

Não: habilidade.

CARLOS

Conheço os *pregos* todos da cidade:
Do Monte-Pio á rua da Bitesga,
E á caverna mais immunda e vêsga
Da Costa do Castello. Exploro tudo.
São um campo magnifico de estudo.
Conheço-os como a palma d'esta mão!
Têm-me lá rente em dias de leilão.
A casa de penhores é o reverso
Da pompa... negro e sordido, disperso
Em farrapos, marcado a papelinhos.
É a vergonha que espirra dos arminhos,
O calcanhar d'Achilles da impostura,
O esgôto da miseria, a mesa dura
Em que a chaga social é posta a nu.
Eu sou rente... O Mó trata-me por tu,
Offerece-me logo uma cadeira;
E os mais todos de identica maneira.

VISCONDESSA

Mas que vae lá fazer?

CARLOS

Vou deleitar-me,
Sorrir o meu bocado, e aproveitar-me
Das manqueiras dos outros, muitas vêzes.
É ali que eu immolo as minhas rêzes.
Em apanhando lá o calcanhar
D'um grande, trato logo de tirar
O maximo proveito do achado.

VISCONDESSA

Mas isso não é digno; é um attentado.

CARLOS

É a lucta pola vida... Vou luctando!
Ora aqui, ha uns tantos dias, quando
Muito ha mêz e meio, eu assistia
A um leilão... O pregoeiro annuncia
Um grande medalhão antigo... Eu
Peço-lh'o... Era um bello camafeu!
Examinei-o, pensei... e depois disse
Cá para os meus botões: — A D. Alice
Tem uns brincos assim... Aqui ha mysterio. —

VISCONDESSA á parte:

Tratante!

CARLOS

— Aqui ha negocio muito sério...
Se o conquisto em todas as suas partes,
Sou nomeado Inspector de Bellas-Artes! —

VISCONDESSA

E elle como é?

CARLOS

Lavrado em *onyx*,
Cercadura de prata e de rubis,
No centro um perfil grave de romana.

VISCONDESSA á parte:

Meu Deus! É o mesmo.

CARLOS observando-a:

É d'ella.

VISCONDESSA á parte:

Não se ingana!

CARLOS

Um adereço precioso e raro.
Arrematei-o logo, — isso é claro!
Era seu?

VISCONDESSA

Nem affirmo, nem o nego.

CARLOS

E tratei de saber, mesmo no *prego*,
Quem é que o tinha ido empenhar.

VISCONDESSA com interesse:

Sim!?! E então, que é que pode averiguar?

CARLOS

Averigui que tinha sido um creado,
Que fugira, depois de o haver roubado
Da casa onde servia. Era um garoto,
Um rapazola esmadrigado e rôto.
Deviam-lhe mais d'um anno de soldada,
E elle quiz-se pagar d'uma assentada.
Mas o amo... esteve quasi a inlouquecer!
Queria immenso á joia. Foi fazer
A sua queixa á policia... Pois, senhores,
Houve rusga nas casas de penhores;
E o dono d'esta teve um grande susto.
Porém lá conseguiu, a muito custo,
Sonegar a medalha... O grande caso
É que ainda hoje per ahi vae tudo raso
Em cata do larapio... Tambem fiz
Minhas indagações sobre o amo... Diz

Que é um rapaz assim da minha idade...
Podia ser seu filho...

VISCONDESSA *com esforço*:

É verdade!

CARLOS

Ora a medalha tem um cordão grosso
E sujo... Andou pendente d'um pescoço
Por muito tempo.

VISCONDESSA *á parte*:

É a mesma!

CARLOS

Em summa,
Para mim não ha duvida nenhuma.
Foi um filho ingeitado, vá...

VISCONDESSA *anciosa*:

E quem,

Quem é elle!?

CARLOS

Denunciou-se a mãe!

VISCONDESSA

Quem é elle, quem?... Vamos! não se cale!

CARLOS

Mas se eu não sei!

VISCONDESSA

Oh! por piedade, falle!

CARLOS

Averigui até onde me convinha;
O resto, adeus.

VISCONDESSA

Horriavel sorte a minha!
Carlos, saiba-me quem elle é; — de joelhos
Lh'o peço!

CARLOS

Estas paredes têm espelhos;
Podem-nos observar d'um corredor.

VISCONDESSA

É cruel!

CARLOS

Prudente.

VISCONDESSA

É um motejador!

PAUSA. Porque não assignou a carta? — diga.

CARLOS

Foi por cautela, minha bôa amiga.
A indicação bastante lá estava:
Era o numero 6. Isso bastava
Para me apadrinhar. E se o bilhete
Se extravia, assim não me compromette
Tão facilmente.

VISCONDESSA

Não.

CARLOS

Mas afinal

Resolve proteger-me?... Vamos, qual
é o *ultimatum*?

VISCONDESSA

Será provido, — juro.

CARLOS declama:

«Se fôr nomeado, ficará no escuro
«A anedocta... e aos pés de vosselencia
«Levarei a medalha com prudencia.»

VISCONDESSA

Dizia isso na carta.

CARLOS

Exactamente.

Mas fio em vosselencia plenamente,

E vou-me antecipar. Pessôas de bem
 Não devem ter reservas. Dá-lhe um pequeno estojo. **Aqui tem.**

VISCONDESSA *abrindo o estojo, sofredamente:*

Ó reliquia sagrada, dá-me a pura
 Essencia, a alma, o sangue, a calentura
 Do meu rico filhinho!... Tu roçavas-lhe
 Pelo collo mimoso... tu contavas-lhe
 Ali as pulsações... Tenho-te inveja!
 E elle com os labios de cereja
 Beijou-te muita vêz, pois não beijou?...

Beija a medalha com effusão.

SCENA VI

Os mesmos, um CREADO, depois GERMANO

CREADO *da direita:*

Senhora viscondessa...

VISCONDESSA

Que é?

CREADO

Entrou

Um cavalheiro, e diz que vosselencia
 Lhe marcou para hoje uma audiencia.

VISCONDESSA

Deu o nome?

CREADO

Germano d'Athayde.

CARLOS *á parte:*

Oh! a visita d'elle coincide
 Com a minha... Tem graça... Não faz nada!

VISCONDESSA

Póde mandal-o entrar. Sae o creado. É uma massada!
 Bom rapaz... Eu queria-o servir.
 Porém que diabo hade elle conseguir?
 Recommenda-o seu tio, o conselheiro;
 E além d'isso, o amigo está primeiro.

GERMANO da direita:

Senhora viscondessa, os meus respeitos.
 A Carlos, cumprimentando: Carlos...

VISCONDESSA amavel:

Ora, seu mau! eu via geitos
 De não apparecer.

GERMANO

É que...

VISCONDESSA

— Sabe? — toda a manhã; mas, qual! não veio.
 Esperei-o,

GERMANO

Perdôe-me! Tive immenso que fazer.
 E confiei que me havia de absolver
 A sua nímia bondade... Uma senhora,
 Bem sei, não se visita a esta hora...
 Mas todo o dia andei tão occupado!

VISCONDESSA

Não fallemos mais n'isso. Está perdoado.

GERMANO

Beijo-lhe as mãos submisso, viscondessa.

CARLOS

Bem, retiro-me.

VISCONDESSA

Já!? com tanta pressa?

CARLOS

É tarde. Adeus, Germano.

Baixo, intencional:

Lembra-te, hein?

De que não podes lisongear ninguém.
É indigno!

GERMANO

O que? Não percebi.

CARLOS

Já disse.

Queira dar-me as suas ordens, D. Alice.

Baixo: E sobre as nossas coisas, nem palavra!

Sae, direita.

SCENA VII

GERMANO, *a* VISCONDESSA

VISCONDESSA

Na verdade, um rapaz da sua lavra
Sahir-se assim tão pouco verdadeiro,
E fazer-me esperar um dia inteiro!

GERMANO

Mas, por Deus! viscondessa, — eu já...

VISCONDESSA

Bem sei:

Deu-me as suas razões... e eu perdoei.

GERMANO *á parte*:

Ora o Carlos...

VISCONDESSA

Porém, se torna... Sente-se.

Se torna...

GERMANO á parte, apprehensivo:

Tão ironico!

VISCONDESSA

Arrepende-se.

GERMANO á parte:

É singular!

VISCONDESSA

Que tem?... Parece alheado.

GERMANO

Eu... ah!... eu...

VISCONDESSA

Não me esteja embaraçado.

Falle á vontade, como fallaria

A uma pessôa amiga.

GERMANO

Incorreria

Na maior, na mais negra ingratidão,
Se acaso o não fizesse... Mas, — então! —
Este meu sonho diaphano e ardente
Preoccupa-me sem trégua, inteiramente,
Faz-me esquecer os mais santos deveres.
Resumem-se-me n'elle os meus prazeres.
Domina-me, estonteia-me... Não tenho
Culpa, quando erro.

VISCONDESSA

Então faz grande empenho

Em ser provido?

GERMANO

Grande?... Immenso! — Ó Deus!

Pois poderia haver ahi para os meus
Impetos de ambição melhor estímulo
Que o logar de Inspector?... É novo. Vimol-o
Crear por um ministro benemerito
N'uma hora feliz. Este descredito,

Esta atonia chronica e profunda,
 Em que geme a nossa Arte moribunda,
 O ministro sentiu-a. Resolveu
 Destruil-a de vêz. Bem haja... E eu
 Oh! eu com que ancia não dispenderia
 Toda a minha coragem e energia
 N'essa obra, mais que todas meritoria!
 Que irradiação de luz, que eterna gloria!...
 O paiz, desperto á rutila alvorada,
 Sentiria a sua alma enthusiasmada,
 E pediria alguma coisa mais
 Do que melhoramentos materiaes.
 Deixaria de ser o velho pêro,
 Estrangulado por carris de ferro.
 Viveiro exausto e ignobil de conventos,
 Floresceria agora em monumentos,
 Obras-primas... E, firme, resoluto,
 Deixaria de ser emfim um bruto,
 Para tornar-se um povo. — Original
 E grande e austero. — Um povo com ideal:
 Que não deixasse andar o mestre-eschola
 A mendigar a graça d'uma esmola;
 Que escorraçasse quanto forasteiro
 Nos vem roubar a honra e o dinheiro;
 Povo que amasse, povo que sentisse!
 Eis o que eu tentaria, D. Alice.

VISCONDESSA

É grandioso o seu plano, sim senhor!
 Magnifico, soberbo... Mas o peor
 É se o ministro, — sim, — já tem em vista
 Dar a pechincha a alguém, a algum artista,
 Embora secundario, e não me attende.

GERMANO

Elle a um pedido seu logo se rende.

VISCONDESSA

Não sei... Hade haver muito protegido.

GERMANO

Seja-o eu-de vossencia, — e estou servido!

VISCONDESSA

Meu charo, isto é um esplendido logar,
Novinho em folha; não hão de faltar
Os meninos bonitos... Fallo sério.

GERMANO

A viscondessa é do ministerio.
Tem a omnipotencia da belleza.
Consegue quanto queira com certeza.

VISCONDESSA

Pois bem. Heide empenhar-me o mais possivel
Em seu favor.

GERMANO

Bondade inexcedivel!

VISCONDESSA

No concurso que tal ficou?

GERMANO

Nenhum
Antes de mim. Fiquei numero um.

VISCONDESSA

Isso é optimo.

GERMANO

E deixe-me vossencia
Fazer-lhe sentir bem, — tenha paciencia, —
Que n'este sonho vae compromettida
A suprema ambição da minha vida,
Toda a alma, todo o fogo do meu sangue!
Se o não realiso, cáio morto, exangue
Para não mais lutar...

VISCONDESSA

Pois está bem,
Conte comigo. E não tem mais ninguem,
Um parente, um amigo, um pae, em summa,
Que o possa e queira auxiliar d'alguma
Forma?

GERMAÑO

Vossencia quer brincar comigo!
 Nem parentes, nem pae, nem um amigo,
 Nem uma pobre mãe!... Sou só no mundo.

VISCONDESSA

Orphão talvez...

GERMANO

Não sei. Um véu profundo,
 Implacavel, porfia em me occultar
 Inexoravelmente o negro azar
 Do meu berço... Eu sou um desgraçado!
 Talvez orphão, talvez um ingeitado.
 Um filho espurio, sim... é o mais provavel!

VISCONDESSA

Isso parece-me inacreditavel.
 Sem ninguem de familia... É espantoso!

GERMANO

Evitam-me... Nem que eu fôsse um leproso.
 Repellem-me... E as minhas illusões
 Vão tombando, desfeitas aos baldões
 D'esta iniqua e venal sociedade.

VISCONDESSA

Mas do seu nascimento ao menos hade
 Ter alguma noticia, ainda que vaga?

GERMANO

Porque será que a sua voz me afaga?...
 Pausa. Vou contar-lhe o que sei da minha origem,
 Embora lembre coisas que me affligem.
 Mesmo este desabafo me faz bem.
 De familia... não, não tenho ninguem
 Absolutamente. Oh! e custa tanto
 Sofrer assim sósinho, ahi para um canto!...
 Emfim, a vida devo-a inteiramente
 À caridade d'uma pobre gente
 Da Outra Banda, que me tirou do rio,

Inchado, rôxo, inanimado e frio,
 Boiando á tona d'agua como um cão!
 Julgaram-me perdido, e com razão:
 Eu não dava o menor signal de vida,
 Era uma coisa informe e intumescida,
 Um farrapo incharcado e lodoso,
 Todo cheio de limos, asqueroso...
 Infelizmente, não estava morto.
 Voltei a mim... e, graças ao conforto,
 Ao amor e ao carinho, excepçionaes,
 Suavissimos, dos meus segundos paes,
 Cresci, fiz-me um rapaz travesso e forte.
 E bemdizia a minha bôa sorte
 D'uma vida assim livre, toda incantos,
 Sôb a aza tutelar d'aquelles santos!
 Quanto lhes devo!

VISCONDESSA

E eram muito pobres?

GERMANO

Coitados! Mal tiravam alguns cobres
 D'uma escassa leziria, mesmo ali
 Junto á beira do rio. Uns párias!

VISCONDESSA

Como foi que o senhor cahiu ao rio?
 Acaso resvalou d'algum navio?

GERMANO

Nada. Eu ia n'um bote pequenino
 Para a margem de lá.

VISCONDESSA com interesse:

Ainda menino?
 Que idade tinha?... Ia só?

GERMANO

Teria
 Seis mêzes.

VISCONDESSA á parte:

Coincidencia extranha!

GERMANO

Ia

Eu e mais tres pessôas.

VISCONDESSA

Sim!? E quem?

GERMANO

A ama, o barqueiro e um filho d'elle.

VISCONDESSA

Tem

Plena certeza d'isso?

GERMANO

Assim contava

O meu bom salvador. O bote voava,
N'um rapido singrar contra a corrente,
Largado a todo o panno... De repente,
Involve-o um golpe de agua inesperado,
Volta-o... e lá ficou tudo afogado!

VISCONDESSA á parte:

É notavel!

GERMANO

Salvaram-me só a mim.

VISCONDESSA á parte:

Meu Deus! Será possível?... Isso sim!

¿ Germano: E que é feito dos seus paes adoptivos?

GERMANO

Ha muito tempo já que não são vivos.
Deixaram-me o que tinham... Poucochinho;
Mas serviu-me de muito no caminho
Do estudo.

VISCONDESSA

E onde residiam elles?

GERMANO

Em Alcochete, n'um pardieiro réles.

VISCONDESSA á parte, commovidissima :

Mesmo defronte!... E ainda heide duvidar!?

GERMANO

De tudo isto o que é mais para admirar,
É que nunca ninguem foi reclamar-me,
Ninguem appareceu a procurar-me,
Ninguem mais quiz saber do naufragado!
Ah! certamente, eu fui um ingeitado.
Um tropeço... Quizeram supprimir-me;
E com o riso na alma e a mão firme
Metteram-me na casca d'uma noz,
Bem velha, bem pequena e bem veloz,
Que fôsse breve e longe... e que pudesse
Mesmo por um acaso ir ao fundo... Esse
Acaso deu-se. — Foi uma fortuna!

VISCONDESSA á parte :

Esmaga-me!

GERMANO

Que ignobil e franduna
De mãe!... Que amor! que intranhas de cadella!

VISCONDESSA á parte :

Virgem, tem dó de mim! Δ Germano: Olhe, isso, ella
Viu-se talvez forçada, — quero crêr, —
A apartar-se de si... Podia ser!

GERMANO

Qual forçada! Aceitou logo a noticia
Da minha morte... e achou-a tão propicia,
Que deu graças até á Providencia.

VISCONDESSA á parte :

As suas palavras, sinto-as na consciencia
Como um ferro em brasa... Que tortura!

GERMANO

Oh! se ella me tivesse a dôce, a pura,
A perfeita affeição de mãe, — então
Tinha-me adivinhado. O coração
Das mães é omnisciente, e n'um abraço
Arranca os filhos aos confins do Espaço!

VISCONDESSA

Ora, quem sabe o que ella soffreria!?
É injusto talvez.

GERMANO

Eu possuia
D'ella, apesar de tudo, — venerada,
Occulta, — uma reliquia sagrada.

VISCONDESSA *com alvoroço:*

O que era!?

GERMANO

Era um bello camafeu
Antigo e raro.

VISCONDESSA *á parte:*

Grande Deus! é o meu
Filho, é!...

GERMANO

Um medalhão de *onyx* e prata
Com rubis.

VISCONDESSA *á parte:*

Como o seio se dilata,
Rejuvenesce, vibra!...

GERMANO

Amava-o tanto!
Era a minha familia, o meu incanto!

VISCONDESSA

E perdeu-o?

GERMANO

Roubou-m'o um creado,
Um garoto, que eu tinha levantado

Da ultima miseria... O que eu soffri!
E soffro sempre, desde que o perdi!
Mas vossencia está incommodada!?

VISCONDESSA

Eu, não...

GERMANO

Vejo-a tremula, agitada.
Eu chamo alguém!

VISCONDESSA

Não chame.

GERMANO

Como queira.

VISCONDESSA

São nervos... Uma crise passageira.
Commoveu-me a historia da sua vida.

GERMANO

A minha rica joia... assim perdida!
Tenho tentado tudo para vêr
Se a recupero.

VISCONDESSA á parte:

Eu dou-me a conhecer!

Movimento de expansão.

GERMANO

Ah! que se minha mãe tivesse feito
Outro tanto tambem a meu respeito,
Incontrava-me... Mas aquillo era
Lá mãe!... A viscondessa retrae-se. Era uma loba, uma fera!

Pega no estojo, que Carlos deixou.

Eu guardava a medalha n'um estojo
Como este...

VISCONDESSA com precipitação, muito com-
movidada e disfarçando:

Alto lá! não tenha o arrojão...

Pertence-me. Tira-lhe delicadamente o estojo das mãos.

GERMANO

Perdão!... Mas que é que tem,
Viscondessa?... Está lívida!

VISCONDESSA

Nem... nem
Sei!... Estou inflammada... estou contente.

Abraçando Germano, n'um transporte :

Não vês que nos inlaça uma corrente
Irresistível, dôce?... Pobre moço!
Tens vivido a soffrer... Vem cá!... Eu posso,
Eu sei suavisar-te as amarguras.
Tu vaes ser meu, só e sempre... Sempre! — Juras?

GERMANO com espanto:

Que significa isto, — faz favor
De me dizer!?

VISCONDESSA

Que te amo com furor,
Filho!... Um furor immenso, que me abraça
E me inaltece!

GERMANO com desprezo, repellindo-a :

Ah! sim, isto é da casa...
Eu ás *horizontaes*, quando as procuro
Para gosar o seu commercio impuro,
Fallo franco. E, depois de saciado,
Pago-lhes... Adeus. Temos conversado. Vae a sair.

VISCONDESSA caindo de joelhos, com o estojo
aberto:

Germano... sou tua mãe!...

GERMANO no auge da indignação e do es.
panto:

Min... minha mãe!...
Pois eu veria, eu ouviria bem!?
Tomou-me alguma obsessão maldita?...
Tu, minha mãe!... E quem o acredita?...

Incarando o medalhão, desvairado:

Eil-o... a rir... É um insulto, é um motejo!

Porque não me afogaste, agua do Tejo?...
 Fazias-lhe a vontade, e a mim poupavas-me
 Esta affronta suprema... Eliminavas-me!
 Porque não me afogaste?... Ia feliz
 Para o esquecimento. E a... meretriz
 Podia-se espojar na impunidade!

VISCONDESSA

Ouve-me...

GERMANO

Ouvi de mais!

VISCONDESSA

Por piedade!

GERMANO encarando o medalhão:

Eil-o... um escarro negro, arremessado
 Per sobre o meu viver immaculado!...
 A rir... a rir... Ó céus, eu filho d'isto!
 Um filho da... Impossivel!... Não resisto
 A dôr... Teu filho!? Não, mil vêzes não!... Sae.

A viscondessa fica aniquilada ; o relógio dá meia noite.

VISCONDESSA

Meia noite...

Levanta-se a custo, e dirige-se ao espelho, em frente do qual, muito nervosa, decota o
 roupão e solta os cabellos :

Tremenda expiação!...





ACTO IV

Mesma decoração do 1.º acto. — É dia.

SCENA I

CARLOS, D. CISALDINA do fundo:

CARLOS

Isso não é possível!

D. CISALDINA

É tão certo

Como estarmos aqui.

CARLOS

Mas um asserto

D'essa ordem não se lança assim sem provas.

D. CISALDINA

Innocente! Ora faça-se de novas!

CARLOS

Sem mais, nem mais.

D. CISALDINA

Meu Deus, que catureira!
Pois não lhe disse já que tenho inteira
Certeza?

CARLOS

E como, — vamos a saber?

D. CISALDINA

Confessou-o ella propria. Que mais quer?

CARLOS

Eu sei!

D. CISALDINA

Este homem gasta-me a paciencia!
Pois vê o caso á luz da evidencia,
E teima em duvidar?...

CARLOS

Não me faz conta
Que seja verdadeiro... Tanto monta
Que m'o affirme a senhora, como a creada,
Como o proprio Deus. — Não creio em nada,
Porque me não faz conta. — Percebeu?

D. CISALDINA

Essa agora!... a fallar a verdade... Eu
Nunca vi coisa assim. Que teimosinho!
Pois olhe, hade roel-a, meu riquinho,
Quer queira, quer não.

CARLOS

Isso é uma balela!
Uma infamia!... O Germano filho d'ella!
Esta só polo diabo!...

D. CISALDINA

Bem dizia
A voz do mundo... Ha muito que corria
Sobre esta prenda um tal ou qual zum-zum.

CARLOS

Ai! teve filhos, teve... Mais do que um,
Cá no meu entender.

D. CISALDINA

E o seu amigo
Foi um d'elles.

CARLOS

Não foi!

D. CISALDINA

É o que lhe digo.
Olhe, Carlos, deixemo-nos de coisas.
A mim asseveraram-m'o as Souzas;
— São intimas de lá...

CARLOS

Linguas damnadas!

D. CISALDINA

Souberam-no por uma das creadas.
E não se faça innocentinho, — hein?
Porque as Souzas contaram-lh'o tambem.

CARLOS

Mas afinal o quê!?... A D. Alice
N'uma explosão nervosa acho que disse...

D. CISALDINA

Gritou que era uma esta, era uma aquella,
Que tinha umas intranhas de cadella,
E que havia ingeitado um filho outr'ora...
O Germano.

CARLOS

Ora adeus! minha senhora.
A nevrose desvaira; o doente não
Sabe o que diz... Perturba-se a razão...
Vem o delirio e vae-se a formosura...
Transvia-nos a febre da loucura.
Somos irresponsaveis... E, — é verdade! —

Não podia a creada por maldade
Forjar esta calúnia, por vingança,
Por uns ralhos quaesquer?

D. CISALDINA

Mas que lembrança!

CARLOS

Tem-se visto.

D. CISALDINA

Vossê não está bom.

Agora ralhos... *tosse*: haan!... vingança... Com
O que elle vinha!... Não se fie n'essa.
Pois o senhor não vê que a viscondessa
Cada dia quer mais á rapariga,
E que esta cada vêz é mais amiga
Da casa, mais leal, mais dedicada?...
O amiguinho anda a vêr se com a enxada
Do sophisma consegue derribar
A verdade... Haan!... escusa de teimar.

CARLOS

Esta só polo diabo!... Anda um`homem
A afagar esperanças, que se somem
Subitamente pelo chão abaixo,
Como o fio de prata d'um riacho
Se some pela terra, em vindo o agosto.
Eu rebento, eu estoiro de desgosto!

D. CISALDINA *grosseira*:

Por favor, Carlos, tenha mão.

CARLOS

Valeu

Realmente a pena... assenhorear-me eu
D'aquelle grande medalhão maldito,
— Um impagavel corpo de delicto, —
E dar a outro a papinha feita!

D. CISALDINA *muito curiosa*:

Que foi, que foi?

CARLOS arreliado:

Não sei.

D. CISALDINA

Faz-me desfeita,

Se não conta.

CARLOS ironico:

Um escandalo, — que mina!
Quer saboreal-o, D. Cisaldina?

D. CISALDINA

Então! Explique-se, ande... Estou a arder.

CARLOS

Um acaso-Gavroche fêz-me obter
A joia que ella tinha pendurado
Do pescoço do filho ingeitado.

D. CISALDINA

Sim!? E onde?

CARLOS

N'uma casa de penhores.

D. CISALDINA

É bôa!

CARLOS

Isso, escabiche... Pois, senhores,
Radiante, procuro a viscondessa,
Ameço-a... arranco-lhe a promessa
De me nomear, a troco, — já se vê,
Do meu silencio... Tenho n'este pé
As negociações... e de repente
Sae-se-me filho d'ella o pretendente
Mais bem classificado!

D. CISALDINA

Não sabia

Quem elle era?

CARLOS

Eu não! Ella, certo, havia
Tido um filho... Não quiz saber mais nada.
Não ha duvida: andei bem. Fil-a aceada.
Interrei-me por minhas proprias mãos!
Tão renhidos exforços, todos vãos!...
Ella nomeia o filho com certeza.
E eu que me inlameie na pobreza!
Dissipei quanto tinha tolamente...
E agora que me rale, que me agunte,
Revolvendo cotão nas algibeiras,
Fugindo para o esconso das trapeiras,
Sem vintem... Oh! é horrivel!... E depois,
O bom, o mais bonito é que os dois
Quem os fêz afinal reconhecer-se
Fui eu!

D. CISALDINA

Haan!... Meu amigo, deve encher-se
De paciencia... Até foi caridade
Juntal-os, a fallarmos a verdade.

CARLOS

Por quem é, por quem é, não me exaspere,
Com todos os diabos!

D. CISALDINA

- Haan!... modere
Essas choleras... Não vae a matar.
Eu sou amiga. Oiça: vou-lhe dar
O unico conselho que lhe serve.
Muito tolo será que o não observe.
Deixe os planos, os calculos, as tricas,
E continue-me com o cêrco á Micas.

CARLOS

Tambem agora me não faz bom rosto.

SCENA II

Os mesmos, o CONSELHEIRO, MARIA

CONSELHEIRO da esquerda com Maria :

Oh! bravo, sim senhor, isto dá gosto...
 Vêr os amigos velhos aqui assim
 Constantes, firmes... Pois não achas?

MARIA *distrahida* :

Sim,

Decerto.

CONSELHEIRO

E hoje, D. Cisaldina?

D. CISALDINA

Haan! haan!... Pouco melhor. *A Maria*: Minha menina!

CONSELHEIRO

E tu, meu Carlos?... Porque não entraram?
 Aqui á espera! Tem lá geito!... Chegaram
 Há muito?

CARLOS

Não, meu tio; agora mesmo.

D. CISALDINA

Eu venho toda feita n'um torresmo!
 Nem que estivesse n'um braseiro a assar.

CARLOS *trocista* :

Querem vêr que se sae Joanna d'Arc.

D. CISALDINA

Sempre escarninho!

CONSELHEIRO

Tem razão. Realmente

Está muito calor.

MARIA

Começa a gente
A lembrar-se do campo com saudade.
As arvores... as flôres...

D. CISALDINA

É verdade.

CONSELHEIRO com affectação :

Em breve vamos para lá, — descança,
Minha arveloasinha. A D. Cisaldina: É uma creança!
Adoro-a!

D. CISALDINA muito affectada:

E eu!

MARIA a Carlos:

Não seja massador.

CARLOS a Maria:

Sou sincero.

MARIA

Parece um andador
Das almas... Vá bater a outra porta.
Eu leio Comte e Büchner.

CARLOS

Não importa.
Insisto. Sou tenaz como a formiga.

MARIA

Sangue de primos não faz bôa liga.
É bom cruzar as raças.

CARLOS

Catavento!

Canta: *La dona è mobile, qual piuma al viento.*

CONSELHEIRO

Estás flammante, Carlos!

CARLOS

Como um sol!

D. CISALDINA

E a cantar é mesmo um rouxinol.

CARLOS

É que eu sou doído polo *Rigoletto*.
Sei-o de cór.

CONSELHEIRO a Carlos e Maria:

Ensaíem um *duetto*.

Vossês para o meu ultimo concerto.

CARLOS

Se a priminha...

MARIA

Ai! isso era um fiasco certo.

Deus me livre! Desafinamos muito.
O auctor do trecho até botava lucto.

CARLOS a Maria:

Em que mereço esse odio?

MARIA

Odio, não...

Talvez um tudo-nada de aversão.
Acho-o funebre como um epicedio.
Injôa-me, — ora ahi está; causa-me tédio.
Não fallou n'um amor extra-humano,
Ou o quer que foi?

CARLOS

Immenso como o oceano!

MARIA

É isso. A mim o mar causa-me injôos.

CARLOS supplicante:

Pois os meus sonhos...

MARIA

Corto-lhes os vôos.
Assim já me não podem debicar
Mais que a fimbria da saia, ou o calcanhar.

CONSELHEIRO affectado, a D. Cisaldina:
apontando Maria: Veja que graça!

D. CISALDINA affectada:

Que ingenuidade!

CONSELHEIRO

Idolatro-a!... A Carlos: Ó Carlos, — é verdade, —
E o teu negocio está em bôa altura?

CARLOS

O decreto vae hoje á assignatura.

CONSELHEIRO

Até que emfim o caso se decide.
Era tempo. E o nomeado é o tal d'Athayde,
Tu, ou algum dos outros?

CARLOS

Eu não sei.
Têm feito segredo... Estimarei
Muitissimo que seja o meu amigo.

MARIA á parte:

Tartufo!

CONSELHEIRO

Bom rapaz!

CARLOS

É um postigo
Que se lhe rasga para o firmamento.
Precisa mais do que eu... e tem talento
De sobra para honrar a Academia,
E illustrar o paiz.

CONSELHEIRO

Olha, eu queria
Empenhar-me por elle a valer;
Mas tenho tido, — tu debes saber, —
Mil assumptos agora a preoccupar-me...
De forma que não pude interessar-me
Vivamente... Porém apresentei-o
Á D. Alice.

CARLOS

Ah! então deu-a em cheio.
A esta hora já se sabe lá em baixo
Para qual de nós dois foi o pennacho;
E eu vinha com tenção de lá chegar
N'um instante, depois de me informar
Da saude de vossas excellencias.

CONSELHEIRO

Vae, vae. São naturaes as impaciencias
N'um caso d'estes. E, olha, eu vou contigo.
Tenho de ir ao bazar do meu amigo
Luiz Costa, do Alecrim, vêr um esboço,
— Um *carvão* do Sequeira; — mas eu posso
Deixar essa inspecção para depois.
E assim acompanhamo-nos os dois.
Vamos ambos primeiro abaixo á Arcada...

CARLOS

É uma fineza.

CONSELHEIRO

Não me custa nada.
Convem-me até fallar com o Rogerio,
E elle agora hade estar no ministerio.
Eu gosto de girar. Detesto o ocio.
Tratamos de saber do teu negocio,
E depois vimos pelo *bric-à-brac*.

CARLOS

Ás ordens, meu bom tio.

CONSELHEIRO

Vamos lá.

As senhoras: Então, até já, sim?

CARLOS despedindo-se:

Minhas senhoras.

MARIA

Não lhes concedo mais de duas horas.

CONSELHEIRO

Está bem... A Carlos: Mas vossês são tão rapazes!
 Nem o tal teu amigo, nem tu fazes
 Bem idea do cargo... Eu heide guial-os
 No labyrintho da Arte, e aconselhal-os
 Sobre o muito que têm a fazer. Saem, fundo.

SCENA III

MARIA, D. CISALDINA

MARIA com emoção:

Minha amiga, isto assim não póde ser!
 Não póde continuar!... Preciso vê-lo,
 Imploral-o, fallar-lhe, convencil-o
 De que o amo a valer, ardentemente!

D. CISALDINA

Ora, mas, ó Miquinhas, realmente
 Isso é sério... ou uma creancice?

MARIA

Seriissimo.

D. CISALDINA

Haan!... Não creio.

MARIA

Já lhe disse.

Foi-se a creança leviana. Despertei:
Sou mulher! E Germano dicta a lei
Imprescindivelmente ao meu destino.
É um homem raro, unico, divino!
Tão impeccavel, tão ideal, tão dôce,
Tão fino coração, como se fôsse
Um personagem de Garrett ou Hugo!...

D. CISALDINA

Ande, que ainda hade ser o seu verdugo.

MARIA

Ingana-se.

D. CISALDINA

É um homem como os mais.
Haan!... Olhe, eu cá dou de conselho aos paes
Que escondam d'elle muito bem as filhas.
É um aventureiro, um bigorrilhas.

MARIA

Oh! magôa-me, D. Cisaldina...

D. CISALDINA

Perdão... Era por bem, minha menina.
Á parte: E que tal? Vou mudar para outro rumo.

MARIA

A vida esvaía-se-me em fumo,
Desperdiçada, inutil, vã, feliz.
Ia pelos annos fóra, — qual perdiz
Pelo matto, — despreoccupadamente,
Aos vôos pequeninos, doidamente,
N'essa imbecilidade das creanças,
Sem lagrimas, sem dôr, sem esperanças...
Eu era como o pendulo doirado
Que gyra em torno a um globo cinzelado,
Forçado áquella eterna rotação,
Idiota, inconsciente, futil... Não
Chorava, mas tambem nunca sentia

Cantar dentro em mim a cotovia
 Branca do amor... Pois bem! Sou outra agora.
 Elle fêz da boneca uma senhora.
 Mostrou-me a santa, a luminosa estrada!
 A minha alma largou alvoroçada
 Os seus vestidos curtos, e requer
 Todos os fóros da alma da mulher.
 A abnegação, o amor, o sacrificio,
 Um coração sangrando por officio,
 Uma alma heroica... A vida n'um sorriso...
 N'um simples beijo o inferno, ou o paraíso!

D. CISALDINA *hypocrita*:

Elle o pobre Germano... haan!... coitado,
 A fallar a verdade, é delicado.
 Gosto d'elle. Parece mesmo assim
 Um homem d'outro tempo.

MARIA

Oh! a mim
 Affigura-se-me o homem do futuro!
 Que character tão rígido, tão puro!
 Na estufa, — eu contei-lhe, — que nobreza,
 Que generosidade!

D. CISALDINA

Com certeza.

MARIA

É um homem, já digo, extraordinario.
 Eu queria tecer um relicario
 De sonhos virgens, musculos de heroes,
 Labios de creança e perolas de sóes,
 — De tudo quanto é grande e quanto é bello, —
 Para o guardar, fechal-o e escondel-o
 No egoismo feroz da idolatria!...
 Escuta: Mas, espera... Esta voz... Quem tal diria!?
 É elle! é elle!... Intercessão divina!
 Por Deus! Deixe-me só.

D. CISALDINA á parte:

Pobre menina!

Como ella está!

MARIA impaciente:

Avie-se! D. Cisaldina sae, esquerda.

SCENA IV

MARIA, GERMANO

GERMANO do fundo:

Vendo Maria, resentido: Perdão! . . . Saida falsa.

MARIA

Retira-se?

GERMANO

. Retiro.

MARIA supplicante:

Fique!

GERMANO caustico:

Não

Estou decente. Vou primeiro a casa
Vestir-me... Póde a susceptivel aza
Das suas *faillies* roçar no meu *cheviotte*...
E ferir-se!

MARIA

É cruel!

GERMANO

Eu!?

MARIA

Esse bote

De ironia...

GERMANO faz menção de sair:

Permitta-me, senhora...

MARIA

Pois, sériamente, teima, vae-se embora?

GERMANO

A fugir ao remorso... Este meu ar
Esquerdo irrita... e posso-lhe causar
Um insulto apopletico.

MARIA

Supplico-lhe!

GERMANO

Que a evite...

MARIA

Oh! não! que me oiça... Fico-lhe
Eternamente grata.

GERMANO

É um bonito
Sentimento; mas velho, exquisito.
Já não se usa nas salas; — fede a ranço.

MARIA com exaltação:

Fique, por Deus!... Repare que me lanço
Perdida, anciosamente aqui a seus pés!

GERMANO com alma:

O quê! pois é verdade!?... Tu... tu és
De novo aquella angelica Maria,
A cérua visão que eu entrevia
Nos meus sonhos febris, — branca e formosa, —
A incitar-me do cabo da espinhosa
Verêda que conduz do Nada á Gloria!?
O quê! pois não será falsa, illusoria
Essa tua expansão?... Falla.

MARIA

Não é!

GERMANO

Ó céus!...

MARIA

Voltei a ser a mesma, — crê.
Inteiramente tua... E, olha, perdôa-me
A versatilidade.

GERMANO

Espera... Sôa-me
Cá por dentro uma musica divina...
É o écho, a resonancia crystallina
Da tua voz commovente de sereia!
Um diaphano luar de lua cheia,
Um vago insopamento de prazer,
Embriagam, deslumbram o meu ser...
E eu sinto-me n'um rãpto transportado
A um mundo fulgurante e abençoado,
Immaterial, altissimo, sublime,
Feito só para nós!

MARIA

Mas o meu crime...
Perdôas?... O meu genio alevianado?

GERMANO

Pois não perdôa a noite de bom grado
Á luz que a vem dealvar, cada manhã?
Pois não perdôa a velha barbacã
Do castello roqueiro ás avesinhas
Que lhe desfiam, leves, escarninhas,
Sobre os negros torreões esmadrigados
O rosario gentil dos seus trinados?
Pois não nasce da terra a seara loira?
E a nùvem não perdôa ao sol que a doira?
Pois a dôr não perdôa ao coração
Que desce a mitigal-a.

MARIA

Tens razão,
Meu bom, meu grande e generoso amigo.
Era frivola, sim... mas, — eu te digo, —
Bem vês que vivo n'uma sociedade
Adstricta ao culto da exterioridade,

Convencional, ridícula e postiça ;
 Sociedade onde só quem vae á missa,
 Veste do Keil, tem moveis do Gardé,
 Calça do Serra e faz dividas é
 Admittido no rol da gente fina.
 Umás luvas lavadas com benzina,
 Um chapéu ruço, o córte d'um collete,
 Uma simples gravata — compromette.
 Os outros dizem logo : = Fóra, pulha! =
 Adora-se a tesoura e a santa agulha.
 O minimo desmando no talhar
 D'um *frak* basta para condemnar
 Inapellavelmente o desgraçado
 Que a vestil-o se tenha abalançado.
 Apparece um ladrão, qualquer negreiro :
 Traz milhões? . . . = É um grande cavalheiro. =
 Vem um rapaz, innodoado e rôto,
 Pobre, mas digno : = É um biltre, é um maroto! =

GERMANO

A impostura e o metal dictam as leis.
 Isto é um mundo de trapos e ouropeis.

MARIA

As modas são o dogma, o Evangelho.

GERMANO

A frioleira tem carta de conselho.

MARIA

Póde a mulher vender a honra, tudo,
 Comtando que se vista de velludo.
 O fiel da moral é o figurino.

GERMANO

Muito bem, meu amor! . . . Eu imagino
 O que se deu comigo. Percebi.

MARIA

Diziam todos muito mal de ti.
 Todos! — sabes? — e eu, levanamente,
 Idiota! acreditava aquella gente.

Oh! diziam-me coisas!... Se soubesses!
Até o Carlos!... Que tens!? Empallideces?
Admiras-te?... É capaz de tudo elle.

GERMANO

Quem podia esperar isto d'aquelle
Biltre!?!... O Carlos, tambem meu detractor!
O meu unico amigo!

MARIA

Sim, senhor.
Atraição-te... Mas, ouve, não te importes!

GERMANO

Que punhalada!

MARIA

Então... Tu és dos fortes...
E eu amo-te!

GERMANO

Maria!...

MARIA

Que mais queres?
O amor é toda a essencia das mulheres.
Fascina-me a tua voz, como a chilreada
Com que os melros saudam a alvorada...
Faz-me vibrar em tremolos ideaes,
Como tremem os choupos virginaes
Ao frémito da aragem que perpassa.
Amo-te!

GERMANO

Amas-me... Isso é a tua desgraça.
Odeia-me, por Deus! — odeia-me antes.
Sacode essas miragens hilariantes
Da tua pobre cabeça tresloucada,
E odeia-me!... Eu não posso dar-te nada:
Nem gloria, nem prazer, nem gratidão,
Nem amor.

MARIA

Nem amor!?

GERMANO

Não posso, não!

MARIA

Amas outra?

GERMANO

Tolinha!... Vae, — pergunta
 Á areia do Saharah se toda junta
 Póde instillar um atomo que seja
 De sensibilidade... Vae, — que veja
 A mais simples, a mais grosseira planta
 Se póde germinar, se se levanta
 Na lava petrifeita dos vulcões...
 Sou a lava e a areia.

MARIA

Que expressões!

GERMANO

Sou um antro de sombras e de gelo!
 Não ha fogo capaz de derretel-o;
 Nem luz, nem sol, nem coração humano
 Que o illumine!

MARIA com angustia:

Infliges-me, Germano,
 Uma tortura horrivel, pungentissima!

GERMANO

Essa rutilação pura e suavissima
 Do teu amor ainda conseguiu
 Deslumbrar-me... Mas breve se extinguiu.
 Recáio na verdade, e reconheço
 Que um implacavel matagal espesso
 De desanimo e dôr me erriça a alma!
 Sinto a esterilidade rubra e calma
 Das planicies immensas do deserto.
 A ambição estancou. Findei... Vem perto
 A morte.

MARIA

Oh! não me deixes na viuvez!

GERMANO

Não ha *oasis* que anime esta aridez.
Revolve-me o *simoum* do desespero!

MARIA

Por quem és, reanima-te! Ouve, — quero
Que vivas, — entendêste? Isto é lá sério!

GERMANO

Viverei... como vive um cemiterio.

MARIA

Oh! meu Deus! não prosigas, que me matas!
Reanima-te e vê: — são inexactas,
Illusorias as tuas apprehensões.
Socega, pensa... As imaginações
Ardentes como a tua exaggeram
Sempre tudo a perder. Não se temperam.
Pois, — repara, — não vaes tu ser provido
N'um logar tão distincto e appetecido?

GERMANO com amargura:

O *amigo* Carlos é que foi nomeado.

MARIA

E que importa?... Outra coisa!

GERMANO

Estou cansado!...

MARIA animadora:

Deixemo-nos de historias. Combater!
Sabes o que qualquer tem a fazer
Quando se quer vingar d'uma injustiça?
Rearma-se, remoça e volve á liça
Mais forte, denodado e mais brioso.

GERMANO

Falta-me a Dulcinêa del Toboso.

MARIA risonha:

Ah! isso eu promptifico-me a sêl-o.

GERMANO

Tu és a suprema concreção do Bello.
Podes ser tudo: Cleopatra, Rachel,
Natercia, Beatriz, Laura, Isabel,
Tudo! menos o ideal do heroe manchego,
Um ideal sujo, estúpido, labrego.

MARIA

Bravo! sorriu!... E fêz-se lisongeiro!
Demoras-te?

GERMANO

Eu espero o conselheiro.

MARIA

Então, bem. Vaes-me ouvir... Pois que imagina,
Seu feio?... *Pausa:* Ai! e a D. Cisaldina?...
Volto já. Vou á casa de jantar.
A esta hora já ella está a *lunchar!* Sae, direita.

SCENA V

GERMANO, só

Vence-se ou morre-se... Afinal é isto
A synthese da vida. Ou se é Christo,
Eschylo, Dante, Galileu; ou vamos
Apodrecer sem nome nem reclamationes,
Sem registro no bronze das edades,
Para a valla commum das nullidades...
Para o funebre estomago infernal,
— Moela de abutre, dentes de chacal! —
A vida é um alambique. Os ignorados,
Os miseros, os futeis, — distillados
Aos milhares, conseguem dar um genio.

E n'este agitadissimo proscenio,
Por cada mil comparsas mal se avista
A face austera d'um protagonista.
D'onde irradiou a gloria de Camões?...
Do guano de vinte gerações!
Quantos seculos não custou Homero?
Quantos milhões de martyres Lutherero?
Que immensa digestão laboriosa
Não foi precisa para dar Spinosa?...
Depois de Carlos Magno, vê-se a França
Porfiando na brecha. — Não descança. —
Mas passam-se mil annos... e só então
É capaz de gerar Napoleão!
Oh! sim, a vida é uma estrumeira immensa.
A sua podridão ignobil, densa,
Vae fermentando demoradamente
Na sargêta do tempo, longamente...
E d'essa tôrpe e fétida anarchia
Surgem de longe a longe, á luz do dia,
Os eleitos, os bons, os immortaes.
Um sorriso por trinta milhões de ais;
Um sabio por centenas de mil tolos;
Por cada hora feliz, mil desconsolos;
Por cada mar de dôr, a maravilha
D'uma onda de prazer; por cada pilha
De crimes uma aresta de bondade;
Sempre a tréva... por cada immensidade
De ignominias um atomo de luz!
Vae fermentando!... E eu que me suppoz
Um dos predestinados da victoria,
Fadado para a embriaguez da Gloria...
Idiota!... Simplesmente um miseravel,
Que hade baixar ao ventre insaciavel,
Ao antro negro, para que o suffoque
E triture a dentuça de Moloch,
A maxilla brutal de Leviathan!
Se eu hoje morresse, já amanhã
Ninguem me conservava na lembrança...
Com doçura: Não!... Talvez se lembrasse esta creança,
E fôsse derramar, n'um desespero
Bem fervente, bem lívido e sincero,
Um rosario de lagrimas em brasa

Sobre a terra da minha campã rasa...
 Pobre Maria!... Oh! porque não heide eu
 Refugiar-me ditoso n'esse céu
 Da tua affeição inegualavel, pura,
 E risonho cavar a sepultura,
 Abrir o leito, aconchegar o ninho
 Na dôce protecção do teu carinho!?...
 Impossivel! Não devo... Era um divino,
 Immaculado sonho, — mas indigno!
 Viver só para amar não póde ser.
 Ha coração e cerebro... A mulher
 Que seja a nossa occupação querida,
 Mas que não seja a unica... A vida
 Não é uma chiméra azul e calma,
 Por cuja limpidez deixemos a alma
 Vogar n'uma delicia, eternamente.
 O homem é um ser intelligente;
 Na lucta perde ou ganha... Com suprema amargura: Eu perdi!
 Sou um nullo! e ando para aqui,
 — Anonymo, inutil, desprezado, —
 Á espera de ser tambem tragado
 Pola tôrpe avidéz d'esse Hugolino
 Obsceno e formidavel, — o Destino.
 Mas que aborrecimento!... A grande pança
 Immunda está já velha... impa, cança...
 Demora-me, digere devagar...
 E eu tenho pressa! *Resoluto:* Posso-lhe abreviar
 O trabalho no que me diz respeito!

SCENA VI

GERMANO, D. CISALDINA

D. CISALDINA da esquerda:

Ó meus meninos! isto não tem geito...

Vendo Germano: Ah! está só?

GERMANO

Ás ordens de vossencia.

D. CISALDINA

Julguei que estava ainda em conferencia
Com a Miquinhas... *tosse: haan!...*

GERMANO

Essa senhora
Foi procurar vossencia mesmo agora
intencional: À casa de jantar.

D. CISALDINA *confusa:*

Haan! haan!... Ah! sim?
À parte: És atrevido e mau, mas para mim
Vens de carrinho... Alto: É bôa! nem que eu fôsse
Creado de mesa!

GERMANO *muito intencional:*

Um pires de bom dôce
De compota, um copinho de geleia
É tão bom para o lunch!

D. CISALDINA *azêda:*

Faço idea!
E esta!... Olhe que eu não sou gulosa;
Percebeu?

GERMANO

Oh! apenas cuidadosa
Com a saude...

D. CISALDINA

Já se deixa vêr.
À parte: Breve m'as pagas. Alto: Vamos a saber:
Haan!... posso dar-lhe os parabens, meu charo?

GERMANO

Porquê?

D. CISALDINA

Ora! por o seu despacho, — é claro.

GERMANO

Não póde!

D. CISALDINA

Sério, não!?

GERMANO

É o que lhe digo.

Despacharam o Carlos.

D. CISALDINA

Grande amigo!

Assim foi abichando um cargo novo,
De importancia, magnifico... Haan!... um ovo
Por um real!

GERMANO

Nomearam-no... e então!

Elle tem culpa d'isso?

D. CISALDINA

Ó homem, não

Se faça tolo, acorde... abra-me os olhos.
Amigos como aquelle ha-os aos molhos.
É ir ao monte e apanhar... Haan!... pois não sabe
Que elle o atraçou vilmente?

GERMANO

Como?... Acabe!

D. CISALDINA *affectando receio:*

Não sei se... Isto ha coisas, realmente...
Tão melindrosas... haan!... que emfim, a gente
Tem sempre acanhamento de fallar.

GERMANO

Explique-se, por Deus!

D. CISALDINA

Só se jurar

Que me desculpa, e me ouve com prudencia.

GERMANO

Falle, falle!... ou rebento de impaciencia!

D. CISALDINA

Elle, afinal de contas... sim, em summa,
Não é agora vergonha... haan!... nenhuma
Ser filho natural.

GERMANO

Hein!... por ventura
Sabe!?...

D. CISALDINA á parte:

Ora apanha!

GERMANO

Diga!

D. CISALDINA

Ó creatura!
Sei-o eu e muita gente.

GERMANO

Tudo!?

D. CISALDINA

Pois!
Cuidava que ficava só entre os dois
O segredo?... Isso sim!... A viscondessa,
Coitadita! — ficou com a cabeça
Perdida... e d'ahi, tem desabafado
Com quem a quer ouvir.

GERMANO

Um ingeitado!...
Que grande humilhação!

D. CISALDINA

Não faça caso.

GERMANO

Sabem que sou um filho do acaso!
Uma nódoa, um producto accidental
Da luxuria e do crime... É horrivel!

D. CISALDINA

Qual!
Que culpa tem cada um de como nasce?

GERMANO

É a suprema deshonra!... Sinto a face
A esaldar...

D. CISALDINA á parte:

Anda; estás castigadinho.
Alto: Pois agradeça ao tal seu amiguinho
O ter-se descoberto esta tramoia.

GERMANO

Mas como é que elle?...

D. CISALDINA

Foi por uma joia,
Parece-me... Acho que a desincantou
N'uma casa de *prego*, e ameaçou
Com ella a viscondessa.

GERMANO sarcástico:

Ó lealdade!
Amor, desinteresse!... ó amizade,
Como és falsa! Que tragica mentira
O coração!... Que lôdo a alma!... Admira
Que ainda haja ingenuos como eu, que tomem
A sério as dedicações do homem.
Que tragica mentira o coração!

D. CISALDINA á parte:

Estou com pena d'elle. Alto: Vá... então!

GERMANO

Corre-me a espinha um punhal de gelo!
Trahir-me o Carlos!... Oh! não posso crêl-o!

D. CISALDINA

Valha-o Deus, reanime-se! É preciso
Votal-o ao desprezo, ter juizo.

GERMANO

Perco a vista, indoideço...

D. CISALDINA á parte:

É tolo! Sae, direita.

SCENA VII

GERMANO, *depois a* VISCONDESSA

GERMANO só:

Lindo!

Edificante coisa!... Isto só rindo!
Uma loba pariu-me para ahi...
O meu melhor amigo trahiu-me... E
O mundo adora-os; a sociedade
Dá-lhes a jórros a felicidade...
E a mim, só porque tenho independencia,
Fustiga-me sem dó nem consciencia;
Porque não beijo anneis, nem vou á missa,
Excommunga-me, odeia-me... É a justiça
Isto, — a grande equidade social!
Se podesse nascer um Juvenal,
Um Voltaire e um Christo, cada dia!...
Mas o mal nem assim se emendaria.
É um chifre o mundo!

VISCONDESSA do fundo:

Ah! eil-o, finalmente!

GERMANO hostil:

Que me quer?

VISCONDESSA *com alma:*

Filho! eu soffro cruelmente...
Quero que me oiças!

GERMANO

Não lhe foi bastante
O assombro, a tortura lancinante
Da sua revelação?... Não lhe bastou
Aquella hora de angustia?...

VISCONDESSA

Tem dó
De mim, Germano! Filho, tem piedade!

GERMANO

Deixe-me!... Já é requinte de crueldade
Não a satisfazer o atroz tormento
D'aquella noite, e vir a fogo lento
Grelhar-me, prolongar o meu supplicio!
Filho do vicio... oh!

VISCONDESSA

Não foi do vicio
Que nascêste, meu filho: — foi do amor!

GERMANO

Pois então!... É dos livros; sim, senhor.
O amor é o passa-culpas das mulheres.
Vem um maroto, faz-lhes pé de alferes...
Intregam-se... e depois, todas n'um pranto,
Dizem ao mundo: = Eu amava-o tanto! =
E o mundo perdôa!... Põem gatos
Na virtude, — e está bem!... Poncio Pilatos
Lavou-se na bacia... as barregãs
É no *bidet* do Amor, — e ficam sãs.
A esponja da paixão limpa-as n'um prompto.
E com o agio d'um infimo desconto
São reacclamadas nos salões mundanos.

VISCONDESSA

Eu amei!

GERMANO

Sim?

VISCONDESSA

Amei!... Tinha 15 annos!
 Como é possível, — dize! — n'essa aurora
 Da vida, n'essa quadra incantadora
 Em que a creança começa a ser mulher;
 E surprehendemos a alma a appetecer
 Caricias ideaes, — ingenua, anciosa, —
 E tudo nos parece côr de rosa;
 E architectamos phantasias doidas;
 E ávido o peito se nos abre a todas
 As illusões, a todos os amores,
 — Fresco, virgem, como os botões das flôres
 Se abrem virgens ás lagrimas do céu...
 Oh! n'essa quadra, — dize! — como é que eu
 Podia amar por calculo?... Imaginas
 Que possa haver acaso Messalinas
 Aos 15 annos, — a mais formosa idade?

GERMANO

Um méro caso de precocidade.

VISCONDESSA

Não me flagelles!... Eu era de fogo.
 Tinha um temperamento ardente...

GERMANO

Logo

Vi...

VISCONDESSA

Impetuoso, febril... No coração
 Escachoava-me a lava d'um vulcão!
 Tinha a cabeça ao rubro, o seio em brasa!
 Amei um biltre... *com esforço*: o dono d'esta casa.

GERMANO no cumulo do espanto

Pois é elle!?

VISCONDESSA humilhada:

É!... Amei-o loucamente,
Com toda a estupidez d'uma innocente,
Com o cego abandono e a candura
D'uma pobre mulher confiada e pura.

GERMANO ironico:

É commovente o caso.

VISCONDESSA

Estás-te a rir?...
Por Deus! não me condemnes sem me ouvir.
Era um traste!... As amigas avisavam-me;
Meus paes, que o conheciam, contrariavam-me
A affeição, censuravam-me a demencia.
Mas elle aconselhava a resistencia...
Resistia... Meu pae era severo,
Castigava-me... Deu-me um desespero!
N'um dia em que m'o não deixaram vêr.
Perguntei-lhe o que havia de fazer?
Que fugisse... — Fugi... — E fomos ambos
Arrulhar os ferventes dithyrambos
Do nosso criminoso desvario
Para um retiro, — mesmo junto ao rio, —
Um paraiso gentil e perfumado,
Que foi... o berço e o fim do meu noivado!

GERMANO

Onde?

VISCONDESSA

No campo, ao pé de Sacavem.
Commovida: Como tudo a principio correu bem!
Que santa e dôce paz inalteravel!
Tão azul... Parecia-me infindavel.
Mas quando tu nascêste, já os bocejos
Do amante vinham azedar os beijos
Com que eu te devorava os pésinhos,
A bocca, as mãos, a pôlpa dos bracinhos...
Atraz d'elles, vieram á traição
A indifferença, o tédio, a aversão!

Andava-me per fóra o dia todo,
 Zangava-se, fallava com máu modo,
 Era grosseiro, brusco... Um bello dia
 Começa a embirrar que me fazia
 Mal dar o peito ao filho... Quer mandal-o
 Para a Outra-Banda a crear... Não ha mudal-o
 Da teima... Insiste, agarra em ti; feroz,
 Impassivel, brutal como um algôz,
 Resiste ás minhas supplicas magoadas;
 Mette-te em quatro taboas mal pregadas...
 Depois vem, faz-me acreditar a tua
 Morte... Desapparece!... Desolada: E eu fico nua
 Da honra, de tudo, — intregue ao desespero!

GERMANO indignado:

Villão!

VISCONDESSA

Abandonou-me!... Oh! nem quero
 Relembrar, avivar o que soffri!
 Não se morre de dôr... que eu não morri!...
 Mas... mas perdi-me!

GERMANO

E quem não sossobrava?

VISCONDESSA

Prostitui-me... a vêr se me acabava.
 Um como que feroz somnambulismo
 Arrastou-me inconsciente para o abysmo
 Do amor vendido a peso de dinheiro.
 Adormeci na lama!...

GERMANO

E o conselheiro
 Nunca mais a tornou a?...

VISCONDESSA interrompendo:

Nunca mais!

GERMANO

Porque não foi pedir perdão aos paes?

VISCONDESSA

Tinham morrido de desgosto...

GERMANO

Horrível!

VISCONDESSA

Aniquilou-me a dôr, pôz-me insensível...
Um automato... Vivo por incanto.

GERMANO com ternura:

Lembrava-se de mim?

VISCONDESSA com effusão:

Oh! muito!... Tanto,
Que acordei quando soube que existias!
Quero levar o resto dos meus dias,
Filho, a amar-te!...

GERMANO de joelhos:

A sua benção, minha mãe!

VISCONDESSA abraçando-o:

Meu rico filho!... Pausa: Espera... ahi vem alguem.

SCENA VIII

*Os mesmos, CARLOS, o CONSELHEIRO, depois MARIA
e D. CISALDINA*

CONSELHEIRO do fundo com Carlos:

À viscondessa, com espanto: Como! a snr.^a aqui!...

VISCONDESSA apontando Germano:

O nosso filho!

CONSELHEIRO arreliado:

Diabo!... Olha agora que empecilho!
Vê se elle quer partir para o estrangeiro;
Dou-lhe uns contos de réis.

GERMANO que ouviu:

Ó conselheiro,
Obrigado... Eu não heide importunal-o,
Descance...

Para Carlos, infurecido:

Agora o meu maior regalo,
O meu empenho, o meu melhor prazer,
O mais ardente, o unico, — vae ser, —
Olé!... desmascarar este Tartufo,
Esmagal-o de vêz, tocar-lhe rufo
No coiro recortido da consciencia!

CARLOS

A mim!?

GERMANO

A ti!... Não finjas innocencia.
És um canalha, um biltre... és um infame!

CARLOS

Eu!?

GERMANO

Como queres tu que eu te chame,
Meu gatuno! meu Judas de bom tom,
Que amarfanhas a alma no *plastron*
Da hypocrisia!

CARLOS perturbado:

Indoidecêste, — creio.

GERMANO com exaltação crescente:

Ah! nem sei como não te esbofeteio!...

CONSELHEIRO

Meu amigo, então... devo lembrar-lhe...

GERMANO

Silencio! Não me obrigue a arremessar-lhe
Tambem ás faces toda a villania
Do seu passado; toda a porcaria
Da sua vida ignobil!... △ Carlos: Phariseu!
Vaes-m'as pagar!

CARLOS

Mas que é que te fiz eu!?

GERMANO

Que fizeste!?!... Colosso de peçonha!
Fôste desincantar a atroz vergonha,
A deshonra do meu vil nascimento,
Para trepar ao ingrandecimento.
Infame!

MARIA da direita, com D. Cisaldina:

Isto que é?...

GERMANO

Ah! não é nada.

Apenas uma vibora esmagada;
Um traidor morto... A minha humilhação
Serviu-te de degrau. — Grande ladrão!
Pois tu cuidas que é só andar a gente
Com um ar protector, cynicamente,
A angariar amigos dedicados
Na turba immensa dos necessitados,
E cavalgal-os quando nos faz conta,
Como uns pobres garranos da remonta?
E pavonear-se ahi, bello, taful,
Pommadado, penteado á Capoul?...
Inganas-te, meu bonzo de casaca!
Heide marcar-te a ferro!... e com a faca
Da indignação mais justa decompôr-te,
Estripar-te, escorchar-te, — infame!... e pôr-te
A perfidia ao sol!

CARLOS balbuciante:

Eu... não sabia...

GERMANO

És um monstro genial de aleivosia!
Peior do que Caim... Mas, afinal,
Anda cá... S-gura Carlos polo pescoço: Eu sei onde está o mal.

CARLOS debatendo-se:

Dei... deixa-me, Germano.

GERMANO segurando-o sempre:

Já te deixo!

CONSELHEIRO intervindo:

Tenha prudencia!

GERMANO forcejando por abrir a Carlos a camisa:

Vá... levanta o queixo...

Rasga-lhe o collarinho, arranca-lhe uma medalhinha que elle traz ao pescoço, e arremessa-a ao chão.

Ah!... fóra!

CONSELHEIRO

Isto é demais!

D. CISALDINA

Que sacrilegio!

A reliquia que trouxe do collegio!

GERMANO

Desinfectei-o!... Bem. Pódes agora
Ser um homem. A Maria, brando: Perdão, minha senhora.

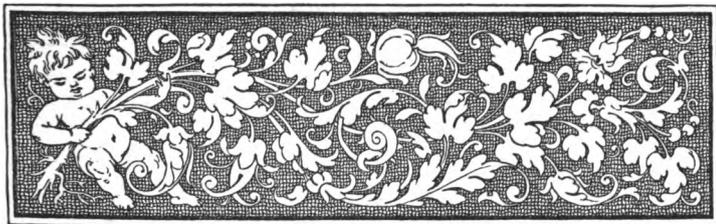
CARLOS

Insolente!... Nós vamo-nos bater!

GERMANO

Sabe onde eu móro; e então, quando quizér. Sae.





ACTO V

Interior de mansarda pobre e mesquinha. Á direita, n'um esconso, janella para o exterior. Á esquerda, occulta por uma velha cortina, a alcôva. Ao fundo, a porta para a escada e a chaminé. Sobre esta, n'uma grande profusão de instrumentos de chymica, acha-se armado o aparelho da preparação do acido prussico. — É dia.

SCENA I

GERMANO, só

GERMANO

Acabou-se!... Este é o meu ultimo dia.
Descorçoei. Esgotou-se-me a energia!
Vou repouisar no grande seio amante
Da terra... onde a frescura é penetrante,
Mais dôce a paz, o somno mais profundo...

Vae a uma mesa com papeis.

E eu a dar satisfações ao mundo!...
Lê: «Não criminem ninguém...» Oh! é banal,

É piégas, é ridiculo... Lança fogo ao papel. Afinal,
Meditando, aqui está...

Olhando o papel a arder:

Mal comparado,
O mundo é isto, — é um papel queimado.
Uma rapida chamma; depois, logo,
A correrem, mil punctuações de fogo,
— Cégas, febris, ephemeras, brilhantes, —
N'um formigueiro lucido, arquejantes,
Atraz d'alguma futil ambição.
Sóbem, descem, cavalgam-se... Lá vão
A correr, a correr, n'um doido *allegro!*
Mas morrem breve... E fica tudo negro!...
Ficam as falcatruas dos ricos,
As violencias infames dos devassos,
Os que jogam a honra nas batotas,
Os desleaes, os impudicos, os sotas
Da propria dignidade, os intrujões
Com titulo, os falsarios, os ladrões,
Os especuladores do adulterio,
Os padres que desfloram o beaterio,
Os que fazem fallencias fraudulentas,
Os pulhas, as hystericas nojentas,
As alcôvas cheirando a *frangipane*,
Os maridos que deixam que os ingane
A mulher, — já se vê, mas isto só
Com quem lhes pague o *phaeton* ou o *landeau*...
O mundo é para os maus e para os tolos!
É um mercado. Dou um cabaz de bolos
A quem vir na miseria um maroto,
Um idiota infeliz, um biltre roto.
O oiro é para os infimos... o cobre
Para os dignos. Quem é honesto, é pobre.
Pausa ; com amargura : Mas que raiva, que desespero o meu!...
Que supplicio incontavel!... Sentir-me eu
Fadado para as coisas mais grandiosas,
Abrirem-se-me na alma as mais radiosas
Flôres do enthusiasmo e da coragem,
E tomar-me esta estúpida engrenagem,
Colher-me nos seus dentes, triturar-me,
Esmagar-me a vontade, condemnar-me

Inexoravelmente a succumbir,
 Abraçado á miragem do porvir!...
 É uma infamia do Destino. É horrivel!
 É um tormento feroz, indescriptivel,
 Que me esmigalha o craneo...

SCENA II

GERMANO, LAURA

LAURA do fundo:

Com licença.

Põe dois frascos sobre a mesa.

Aqui tem. Mas custou!

GERMANO

Sim?

LAURA

Pois que pensa?...

Não queriam vender-me nada d'isto.
 Diz que é prohibido, — e adeus!... Se não insisto,
 Não tinha feito nada. Mas teimeij;
 Fui a um, fui a outro... e arranjei!
 Na drogeria aqui do Galafura.

GERMANO

Esse conhece a minha assignatura.

LAURA

Pois mesmo assim pôz duvida, o indecente!

GERMANO

Coitada! como andáste diligente!
 Nem sabes o favor que me fizéste...

Toma um dos frascos: Ferrocyano de potassio.

LAURA tomando o outro:

E este?

GERMANO

É o acido sulfurico... Está bem.
Agradeço-te immenso!

LAURA

Aqui tem

O trôco.

GERMANO

Olha, guarda-o... É bem pouco.
Desculpa, — é quanto tenho.

LAURA magoada:

Está louco!?

Não quero para nada o seu dinheiro.

GERMANO

Offendi-te?

LAURA

Decerto! Foi grosseiro...

GERMANO

Perdão!

LAURA

Foi cruel com quem lh'o não merece!
Sabe que o sirvo com desinteresse...
animada: Com lealdade, com alma, com prazer...

GERMANO

E como posso eu corresponder
A essa dedicação?

LAURA

Infelizmente,

De modo algum!

GERMANO

Porquê?

LAURA depois d'uma hesitação :

Oh! simplesmente
Porque não póde, não, querer-me tanto
Quanto eu lhe quero...

GERMANO

Creança!... Tens o incanto,
A suprema doçura, a ingenuidade,
A facil expansão da mocidade.
Alvoroça-te o sangue a escachoar.
Cuidado! — que te póde atraiçoar.
És bonita, és bondosa; — tem cautela!
Resguarda-me esse olhar... põe sentinella
Ao coração... modera os desvarios.
Acalma os nervos com uns banhos frios
Na tina do Dever. Toma cuidado.

LAURA

Que grande prédica! Isto só contado!
Quer que eu seja de pedra... Ora o senhor!

GERMANO

Toma cuidado, Laura... Ouviste? — o amor
É um ephemero sonho, uma demencia.
Acorda-se com travo na consciencia!
Hasde ter muito quem te faça a côrte.
Ordena ao coração que não se importe.
Algebra-o bem.

LAURA desapontada :

Queria vêr-me freira.
Tinha graça!... no officio de porteira
D'um predio d'estes.

GERMANO

Deixa ir quem vae.
Desconfia dos homens... Tens um pae;
Olha por elle... É um triste d'um velhinho
Intrevado... precisa de carinho.
Logo pola manhã, roda-o na sua
Cadeira, a receber o ar da rua;

Amima-o, lava-o, veste-o com açoit;
E se os D. Juans pararem no passeio,
Deixa-os parar!

LAURA

E esta!... Olhe que eu
Não sou nenhuma doida, — percebeu?...
Penso bastante, sim, no casamento,
Mas serena, sem arrebatamento,
Só com o fim de ter uma casinha
Alegre, branca... muito aceedinha,
Com flôres, um marido, e um grande gato
Maltez... Não ha desejo mais pacato,
— Creio.

GERMANO

Nem mais legitimo. Porém,
És bonita, és bondosa...

LAURA

Ainda bem!
Não sou má rapariga, não; e tenho
Muitas prendas de mãos... Eu sei desenho,
Lêr, escrever... e contas de quebrados!
Intendo alguma coisa de bordados,
Cosinho, e ingommo muito bem de liso.
Dava mesmo uma esposa de juizo...
Só não resistiria á tentação
D'uns bailitos campestres no verão!
Olhando Germano: Se um rapaz, assim sério, me quizesse...
Calhava mesmo bem.

GERMANO

Teu pae carece
De ti lá em baixo... Varre essa tolice;
E observa como um dogma o que eu te disse.

LAURA

Já o deixo, — descance... Ingrato!... Ao menos
Tranquillise-me.

Aponta os frascos que trouxe:

Diga: são venenos?

GERMANO derivando :

São reagentes.

LAURA sem perceber, mas tranquilla :

Ah! bem... Se precisar
Qualquer coisa, não tem senão chamar. Sae, fundo.

SCENA III

GERMANO, só

GERMANO

Ah! finalmente!... Fecha a porta. Vamos. É preciso
Que a morte com o seu melhor sorriso
Me venha sepultar o soffrimento...
E ao impulso do derradeiro alento
A pobre da minha alma attribulada
Se eleve fulgurante, immaculada
As límpidas regiões da eterna luz!...
Como esta nobre idea me seduz!
A morte!... É a liberdade. Não a temo.
Morrer é descansar; é o bem supremo.
Pois!... Se ha na morte coisa que horrorise,
Que nos faça tremer, — é a dôr, a crise
Da agonia, o cadaver frio, immundo...
O mais, não! É um somno bom, profundo...
E todos nós gostamos de dormir!

Toma o frasco do acido sulfurico :

Generoso, impagavel elixir,
Nihilista da cellula, incendiario,
Tu és o grande revolucionario...
Adoro-te!... Anda cá... Vaes ajudar-me,

Dilue n'um copo parte do acido com agua :

Vaes fazer-me feliz: — aniquilar-me!
Quero um beijo de fogo! e de repente
O repouso a que aspiro ardentemente...
Estás prompto? Bem hajas tu!... Então,
Para fazer parar o coração,

É preciso esperar que a morte venha,
 Lá quando lhe apróuvé, dar-nos a senha
 Para o outro mundo?... Nada! A vida é nossa.
 Temos direito a arremessal-a á fossa
 D'um cemiterio, em plena liberdade!
 Pois ninguem nos contesta a faculdade
 De polos outros arriscar, perder
 A vida; e não havemos de poder
 Dispôr d'ella tambem por nossa conta!?
 Absurdo!... A vida é nossa: tanto monta
 Que a queiramos destruir, ou conserval-a.

Toma o outro frasco :

Agora tu... A minha, vou cortal-a
 De pulso firme, de pupilla enxuta!

Lança uma porção do sal na retorta, verte-lhe em cima o acido que tinha diluido,
 e accende o alcool :

Cada vêz somos mais fracos... e a lucha
 É cada dia mais difficil!... Olha o quarto: Meu
 Pobre pardieiro!... aqui se debateu
 Durante annos a minha vida ingloria.
 Meu velho!... desejavas-me a victoria,
 Animavas-me... Tu eras meu amigo!
 Cobrias-me de amor!... Levo comigo
 Da miseravel côr d'estas paredes
 A mais funda saudade... Em vão me pedes
 Que fique. É impossivel... Oh! não; não
 Devo! A minha fatal resolução
 É indefectivel como a Divindade.

Abre a janella ; contempla a cidade :

Pandemonium feroz! — de ti quem hade
 Levar penas?... Ninguem!... Immundo esgoto.
 Das fézes d'um paiz; monstruoso escroto
 Da veniaga e do crime; vil kermesse
 Da intriga; horto infernal onde floresce
 A podridão e a fome, — odeio-te!... E,
 Morrendo, fujo, vingo-me de ti!...
 Liberto-me do immenso mar de lodo
 Em que implacavel me afogáste todo,
 — Novo Gilliatt, — um ponto no infinito
 Immovei e sereno... o olhar fito
 apontando: Na cimalha d'aquelle palacete

Branco e rosa, onde mora Deruchette!
 Além... Vingo-me... *Reflectindo:* E quem me diz a mim
 Que eu não posso talvez ainda... Sim,
 O palacio pertence ao conselheiro...
 É meu pae... é influente, tem dinheiro...
 Se elle me perfilhasse... oh! poderia
 Elevar-me, vencer!... *Pausa:* Ah! e Maria!?
 Insensato!... Deixal-a lá, coitada!
 Ella tão orgulhosa, acostumada
 A olhar aquillo tudo como seu,
 Que golpe! quando visse que era meu.
 De mim não acceitava coisa alguma.
 Que dôr! que humilhação!... Morria...

Resoluto:

Em summa,

Acabou-se! Recolhe o veneno n'um copo.

SCENA IV

GERMANO, MARIA

MARIA fóra:

Germano!

GERMANO poisa o copo sobre a mesa, surpre-
 dido:

Quê!?...

MARIA com extrema angustia:

Germano!

Abre... Sou eu... Não sejas deshumano!
 Por amor de Deus! abre-me esta porta!...

GERMANO

Será possível!

Depois de hesitar, abre a porta:

Oh!...

MARIA

Sou eu!

GERMANO *muito commovido:*

Vens morta

De cansaço...

MARIA

De duvida!

GERMANO

Tu, aqui!...

MARIA

Durante toda a noite não dormi.
Parecia-me ouvir-vos as passadas
Ranger na areia... Um tilintar de espadas,
Frio, sinistro... Um grito lancinante!...
Então, desorientada, n'um instante,
Voei para aqui ao longo da cidade,
Sósinha, afoita, morta de anciedade!
Felizmente, estás vivo, bello! Os meus
Presagios eram falsos... Vivo!... Deus
Ouviu a minha supplica dorida,
A primeira oração da minha vida!...

GERMANO

Sublime creança heroica!

MARIA *graciosa:*

Já começa?

GERMANO

Não sei por que motivo te mereça
Tanta dedicação...

MARIA

Ora!... Não sabes!

GERMANO

Tão divino amor!

MARIA

Basta, não acabes.
Não vive da lisonja o coração.

Germano ajoelha.

Mas que vaes tu fazer? que é isso?... Então!

GERMANO

Quero beijar-te a fimbria do vestido.

MARIA *levanta-o:*

Mau! não gosto de ti, assim polido.

Naturalmente abraçam-se; Maria foge logo á commoção.

Mas tu vives aqui n'esta mansarda!?
N'este ar de tumulto, esta luz tão parda?...
Aqui só n'este ignobil desalinho,
Sem conforto, sem sombra de carinho?...
Pobre Germano!... Espera. Deixa estar.
Já agora, porque não?... Vou alegrar,
— Vou, sim! — com os meus trillos de canario
A tua habitação de solitario.
Vou pôr tudo isto em ordem, com aceio...

Ageita os moveis:

Por exemplo, esta mesa... aqui ao meio.
Já não saíam d'aqui!

GERMANO

Pois porventura

Queres ficar!?

MARIA

E então?

GERMANO

É uma loucura!

MARIA

A loucura está feita desde que
Sahi de casa.

GERMANO

Oh! meu Deus!...

MARIA apontando a chaminé:

Aquillo que é?

GERMANO

É... o meu laboratorio.

MARIA

Cheira tanto

A amendoa amarga...

GERMANO muito perturbado:

Sim!?

MARIA indicando um velho contador deteriorado:

É de pau-santo?...

Mas que cheiro tão forte!

GERMANO

Eu... acho-o brando.

MARIA

Dê que é?...

GERMANO

E... é... Estava preparando
Um reagente qualquer, que leva amendoa.

MARIA

Que cortina tão feia!... Isto, — vendo-a.
Esta poltrona assim fica melhor.

GERMANO

Maria! polo nosso santo amor!
Em nome da tua honra! volta a casa.

MARIA

Pois não!

GERMANO á parte:

Tenho a cabeça toda em brasa!
E a molle cobardia a apoderar-se
De mim... senta-se: e o veneno a evaporar-se!

MARIA

Tu verás como eu hei de ser poupada...

Fitando-o: Estás com a expressão tão transtornada!
Matáste o Carlos?...

GERMANO

Não.

MARIA

Bem; parabens.

GERMANO

Feri-o levemente.

MARIA

Mas que tens?

Queres que eu faça alguma coisa?... Pede!
Estás doente?

GERMANO

Nervoso... Olha o copo: Tenho sêde!

MARIA

Pois é matal-a.

Procura em torno, vê o copo do veneno, dá-o a Germano:

Bebe, anda!

GERMANO bebe:

Obrigado!...

SCENA V

*Os mesmos, a VISCONDESSA, depois CARLOS
e o CONSELHEIRO*

VISCONDESSA do fundo:

Filho, meu filho!... Adivinhando tudo: Estás invenenado!

GERMANO

Mãe!...

Inv!...
 MARIA
 GERMANO a tranquillisar Maria:
 Deixa fallar...
 MARIA
 Ó D. Alice,
 É verdade!?!...
 VISCONDESSA
 É!
 MARIA
 Meu Deus! e quem lh'o disse!?
 VISCONDESSA
 O instincto de mãe!...
 GERMANO a Maria:
 Deixa fallar.
 Eu... estou bom.
 VISCONDESSA
 Tratemos de o salvar!
 MARIA
 Invenenado, — ó céus!... Será possível?
 E como?...
 GERMANO
 Então... soceguem.
 MARIA
 É horrível!
 VISCONDESSA olhando a chaminé:
 Saiu d'ali sem duvida nenhuma!
 GERMANO
 Não.
 MARIA
 Germano!

VISCONDESSA

Salvemol-o!

GERMANO

Sinto uma
Tenaz de ferro em brasa na garganta.
O estomago crepita... *Afficto*: Minha santa
Mãe... Maria!...

MARIA

Germano!... Querem vêr
Que fui eu mesma quem lhe fêz beber
A morte!?

VISCONDESSA

Tu!?...

MARIA

Meu Deus, que desespero!...
N'aquelle copo, sim!

*Tenta arrancar o copo das mãos de Germano, para beber o resto do veneno; Germano
atira o copo pela janella;
então, perdida, quer apoderar-se da retorta; Germano interpõe-se.*

Arreda! Quero

Morrer comtigo.

VISCONDESSA *correndo á janella*:

Um medico! Socorro!

GERMANO

É inutil... Venham cá, não chorem... Morro
Inevitavelmente... Elle é violento!
Soffro tanto!... Não posso respirar...
Desfalleço... Oh! venham-me abraçar!

MARIA

Germano!

VISCONDESSA

Filho!

MARIA

Leva-nos comtigo!...

GERMANO

Soluços?... Felicitem-me... Eu bemdigo
 Esta libertação... Já sinto a alma
 Vogar n'uma undação etherea e calma,
 Tão largamente e santamente dôce,
 Tão rutila de luz, como se fôsse
 Fendendo a bruma límpida do céu...

MARIA

Elle vae-nos morrer!

GERMANO

Vou.

MARIA

E fui eu
 Que o matei... Eu! É incrível!... Que horrorosa
 Angustia!

GERMANO torturado:

Ai!... a morte é dolorosa.
 Foge-me a vista... abafo... cambaleio...
 Dêem-me a vida! a vida!...

VISCONDESSA

E porque meio?...

Corre á porta: Soccorro!

GERMANO fallando com difficuldade:

É tarde, minha mãe... A dose
 Foi razoavel... Supprime a hematose.
 Abracem-me ambas... muito, muito!... assim.
 E perdõem-me... e lembrem-se de mim!...
 O coração estala...

VISCONDESSA

Estás convulso!

GERMANO

Os musculos emperram... vae-se o pulso...

VISCONDESSA

Ó filho da minha alma!

MARIA

Desgraçada!

GERMANO .

Esfrio... Já não soffro quasi nada.

CARLOS do fundo, com o conselheiro:

Cá esta ella! Vem com o braço direito ao peito.

CONSELHEIRO .

É verdade!

CARLOS

Eu bem dizia.

CONSELHEIRO a Maria, ameaçador:

Que disparate foi este, Maria!?

GERMANO

Não teve mal... Bem vêem: eu... morri.

A Carlos, desviando d'elle Maria:

Está pura; — não é... digna de ti! Morre.



ERRATA

Pag.	Verso	Onde se lê:	Deve lêr-se:
27	1	E a alvorada	É a alvorada
59	1	Via-a tão mansa,	Vi-a tão mansa,
69	25	Do livros	Do livro
72	5	E incredulo	É incredulo
121	4	um <i>duetto</i> .	um <i>duetto</i>

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

Eduardo da Costa Santos

EDITOR

4 — RUA DE SANTO ILDEFONSO — 6

PORTO

Camillo Castello Branco

D. Luiz de Portugal, 1 vol.....	600
O general Carlos Ribeiro, 1 vol.....	400
O vinho do Porto, 1 vol.....	500
Maria da Fonte, 1 vol.....	1\$000
Volcoens de lama, 1 vol.....	700
Seroens de S. Miguel de Seide, publicação mensal, cada volume, por assignatura.....	200
Avulso.....	250

NO PRELO

SEROENS DE S. MIGUEL DE SEIDE

6.º VOLUME

BOHEMIA DO ESPIRITO

1 vol. in-4º, cerca de 400 paginas

Lisboa — Typ. Elzeviriana

